

THOT



UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA - Nº 58 1993



A TECNOLOGIA E OUTROS INVASORES DE NOSSA VIDA

ENTREVISTA COM O FILÓSOFO AMERICANO MORRIS BERMAN

OS SETE
CHACRAS

A FELICIDADE DAS
CRIANÇAS DO MUNDO

O FEMININO
RESGATADO



**ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA
CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS**

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP. 04003 - Tel.: (011) 288 7356 e 283 0867

**GRÁFICA E EDITORA
PALAS ATHENA**

Rua José Bento, 384 - Cambuci - São Paulo - SP
cep. 01523 - Tel.: (011) 279 6288 e 270 6979

**CENTRO PEDAGÓGICO
CASA DOS PANDAVAS**

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP. 12250

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Bauru)**

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP. 17015 - Tel.: (0142) 23 4424

**CENTRO DE ESTUDOS
PALAS ATHENA (Santos)**

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP. 11065



THOT é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT Nº 58 - OUTUBRO/1993
tiragem: 6.000 exemplares

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Lia Diskin, Basilio Pawłowicz, Primo Augusto Gerbeli - **Edição de Texto:** Graciela Karman - **Edição de Arte:** Roberto Sanz - **Revisão Técnica:** Lia Diskin - **Equipe Thot:** Carmen Fischer, George Barcat, Ieda de Paula, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Brandão S. Moufarrige, Lucia Benfatti Marques, Maria Cristina Pessoa Domingos, Maria do Carmo de Oliveira, Maria Helena Zockun, Maria Léa Schwarcz, Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer, Odette Lara, Therezinha Siqueira Campos, Verônica Rapp de Eston - **Editoração Eletrônica:** Roberto Sanz - **Produção:** Basilio Pawłowicz, Emilio Moufarrige, Sérgio Marques - **Composição, Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Colação Veras - **Colaboradores:** Álvaro Celso Guimarães (Bélgica), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimowski (EUA), Maria Cristina Flores (Argentina), Atilio Avancini, Manoel Vidal, Pierre Weil, Takeshi Assaoka (Brasil), Tica Broch (Suíça) - **Jornalista Responsável:** Graciela Karman.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por 4 (quatro) números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, Rua Leônicio de Carvalho, 99 (Paraíso), CEP 04003-010, São Paulo, SP. Fones: (011) 288.7356 e 283.0867. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

A convivência: nosso desafio

O nosso editorial já estava pronto quando, inesperada e timidamente, os meios de comunicação anunciavam o reconhecimento mútuo da Palestina e Israel. Anos de desencontros e intransigência chegavam ao fim, descortinando um novo horizonte ante o olhar perplexo e incrédulo do mundo todo.

O que parecia impossível, aconteceu – a paz está declarada! Mas todos sabemos que a paz não é tão ligeira quanto as guerras – quando estas explodem, alastram-se sem demora.

Em contrapartida, a paz é vagarosa, exige cultivo, paciência, disponibilidade para com o outro – cujas perspectivas e anseios têm que ser contemplados. Ela exige diálogo, participação, convergência, acalentamento de sonhos comuns, preocupação pela felicidade e bem-estar do outro. Isto ainda não é um fato, seja na Palestina e Israel ou outro lugar; ainda estamos longe, mas tudo indica que começamos a entender que a convivência é o maior desafio que temos pela frente – ela testa a nossa inteligência, nossos talentos e nossa capacidade de perdão. Testa a nossa criatividade no campo interpessoal e coletivo.

As conquistas tecnológicas, nas quais aplicamos tanta genialidade e investimentos, não conseguirão por si sós pacificar um planeta onde pipocam fundamentalismos religiosos e xenofobias de toda espécie.

Poder comunicar-se com alguém que está no outro lado do hemisfério é, sem dúvida, uma grande conquista, porém uma conquista maior seria poder comunicar-se com o vizinho; esse, ao qual não dirigimos a palavra faz anos.

Este é o real desafio – ele nos incita a buscar vias de trânsito interno que nos aproximem do nosso semelhante, tão semelhante que tem as nossas mesmas dificuldades.

Portanto, declarar a paz é um primeiro passo – corajoso e abençoado! –, agora será necessário aprendermos juntos a dar os seguintes.

Para os que acreditam – tempo de celebração!

Os editores

CAPA:

Estela de lápide em mármore, de uma menina, datada de 450-440 a.C.

Encontrada na ilha grega de Paros, em 1775.

Museu Metropolitano de Arte, Nova York.

ÍNDICE

Entrevista com Morris Berman: O caminho crítico <i>Barbara Goodrich-Dunn</i>	2
Os sete chacras <i>Frances Vaughan</i>	15
Um novo paraíso ou a morte universal? <i>Ubiratan D'Ambrosio</i>	22
O feminino resgatado ou a poesia no cotidiano <i>Vera Lúcia Paes de Almeida</i>	27
As crianças do mundo e a felicidade <i>Léo Matos</i>	31
O amor <i>Lia Diskin</i>	38
<i>Epifanias</i> Nada de nada	44

Entrevista

O CAMINHO CRÍTICO

O filósofo e crítico social norte-americano *Morris Berman* fala da "tecnologia invasiva" e outros fatores que separam o corpo da mente e aponta saídas criativas para reconectá-los.

BARBARA GOODRICH-DUNN

O que se nota de especial quando se conversa com Morris Berman é sua preocupação com uma congruência pessoal e seu desejo de estar completamente presente durante os diálogos. Assim, esta entrevista que concedeu à revista *Common Boundary*, mais que um passeio pelas suas idéias, é um convite para nos juntarmos a ele no cerne de seu processo atual de pensamento e sentimento.

É esse elemento pessoal que Berman traz para seus estudos daquilo que geralmente classificamos como "objetivo" – as ciências e a história da racionalidade. Ele concorda com o autor Bruce Chatwin, para quem "todas as afirmações teóricas são, na verdade, autobiográficas", e sente que isso é tão verdadeiro para as ciências quanto para as artes. Para Berman, o aspecto pessoal não é um elemento periférico na história de uma teoria: ele é o elemento central.

Berman começou a carreira estudando matemática na Universidade de Cornell. "A matemática", diz, "tinha uma imensa beleza, mas era muito hermética". Ele não conseguiu deixar de ir além, imaginando quem estava fazendo avançar o pensamento matemático. Quem eram essas pessoas? Como pensavam? Como sentiam? Com quem estavam casadas?

Essa linha de pensamento acabou levando Berman a um "compartimento maior": a história da ciência. Foi nessa área do conhecimento que obteve seu doutorado na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Maryland. Lá, o aspecto pessoal se transformou em político e ele começou a olhar para os problemas políticos da ciência em uma sociedade industrial. Deste interesse nasceu seu primeiro livro, *Social Change and Cientific Organization* (Mudança social e organização científica).



Rolf Gelewski

Foto de Atílio Avancini, do livro *Buscando a Dança do Ser*

Berman diz que, em certo momento, um colega lhe colocou uma questão muito importante: a filosofia mecanicista da ciência ocidental será apenas uma ideologia? "Um arrepio me atravessou a espinha", lembra Berman, "sabia que estávamos tocando em algo fundamental".

Então lhe ocorreu uma segunda – e igualmente importante – questão: se a ciência tivesse adormecido e sonhado, qual seria seu sonho? Resposta de Berman: alquimia. Isso o levou a Carl Jung e à análise de sonhos. "Eu estava desempacotando a psique", diz, "e tive o sentimento de que nesse processo estava desempacotando também a psique do Ocidente".

Então ele passou a se interessar por um compartimento ainda maior: a história da racionalidade e as origens da consciência. A partir disto surgiu um segundo livro, *The Reenchantment of the World* (O reencantamento do mundo).

Passado algum tempo, Berman conscientizou-se de que "ao se libertar do intelecto científico, o Ocidente – mesmo no pensamento junguiano – apenas desenvolveu uma cabeça maior". Começou então a incluir o trabalho corporal em sua vida. Estudou a técnica de Alexander, aikidô e dança. "Ocorreu um período de estagnação na minha

produção escrita", ele diz. "No início, eu estava apenas escrevendo, por assim dizer, no nível espiritual. Aí, comecei a me perguntar: onde reside o espírito e, se não for no corpo, que tipo de questão isso coloca?" *Coming to Our Senses* (Recobrando os sentidos), relaciona o corpo à história espiritual da civilização ocidental.

A vida profissional de Berman é vivida tanto dentro quanto fora da universidade. Por muitos anos, ocupou uma cadeira na Universidade Vitória, no Canadá, deixando-a para tornar-se escritor e conferencista free lancer. Recentemente deixou as aulas na Faculdade Estadual Evergreen, em Olympia, Washington, para lecionar na Universidade de Kassel, na Alemanha. Gosta de lecionar, escrever e dar conferências, e sobretudo "de alunos brilhantes e de um bom debate". Não resta dúvida de que as idéias de Berman contêm os ingredientes perfeitos para um bom debate.

Common Boundary – Em *Coming to Our Senses* você fala bastante em incorporação, no sentido de corporificação, e tecnologia. Como você vê a interação destes elementos?

MORRIS BERMAN– Lembra-se do famoso livro de John Naisbitt, *Megatendências*? Ali, ele fala – aprovando-a, acredito – de nossa

Se a ciência
tivesse
adormecido e
sonhado, seu
sonho seria a
alquimia

Na nossa sociedade, valores de protesto são pausas das tardes de domingo

tendência rumo a uma sociedade de "alta tecnologia e muito toque" (corporal) – "high tech high touch". Mesmo sem usar o termo incorporação, ele se refere a um tipo de vida sensual ou sensorial, prevendo parques naturais fora das cidades de alta tecnologia, e um movimento de retorno ao corpo, incluindo caminhadas etc. Isso me soa como um modelo tipicamente japonês de futuro.

CB – *Japonês em que sentido?*

MB – Não existe mais um único pedaço de natureza no Japão. As áreas naturais são muito restritas e se tornaram zonas subsidiárias de uma sociedade de alta tecnologia. Você tem sempre a sensação de que a natureza é um jardim cultivado. Penso que essa tendência é entristecedora e deprimente. É, basicamente, vida selvagem controlada. Tudo está realmente domado, mas você cria a ilusão de certo grau de vida selvagem para que as pessoas possam manter a sanidade. Mas criar parques naturais não é suficiente. Precisamos preservar áreas realmente selvagens, como as florestas tropicais. Não é suficiente que, na era da "nova consciência", se diga que a mente é a última fronteira. Precisamos saber que a vida selvagem está realmente lá fora. O mesmo vale para a esfera social. À medida que olho para a paisagem social, muito do que vejo são computadores e terapeutas. De certa maneira, eles caminham juntos, uma vez que estamos criando uma sociedade na qual já não existem muitas possibilidades de um viver visceral. Os terapeutas têm sido chamados "amigos de aluguel". Pode ser que o consultório do terapeuta seja o único espaço onde possamos nos sentir reais, mas em termos sociais isto não é saudável, pois se trata de um espaço artificial.

CB – *É claramente um espaço artificial. Uma vida extremamente terapeutizada pode ser como um desses parques naturais de que você fala. Parece natural, mas não é.*

MB – Este é o problema. Se tudo for submetido à tecnologia de Naisbitt, o próprio toque se torna "tecnologizado", os relacionamentos se tornam terapia e as pessoas têm que comprar ingressos para poder caminhar em trilhas. É uma visão arrepiante. Pode acontecer no espaço da minha vida, mas espero que não ocorra.

Antes de começar a entrevista, quando você me perguntou sobre o que eu gostaria de falar, algo que agora parece relevante passou pela minha mente. Se existe um eixo em torno do qual gira grande parte do meu trabalho, é provavelmente a relação entre modos de viver e modos de consciência, que estão constantemente relacionados. Como é que atualmente temos metáforas de computador em nossa linguagem? Dizemos, por exemplo: "Estou usando o mesmo velho programa novamente", ou "ele só sabe apertar botões" ou "você quer feedback sobre isto?" Toda uma linguagem derivada da comunidade de inteligência artificial. No começo do século XVII, Francis Bacon disse que "as palavras provocam uma reação sobre a compreensão". Nós nos tornamos nossa fala. Isto me faz pensar naquele velho filme *Invasores de Corpos*. É uma grande metáfora, porque é aquilo que acaba acontecendo.

CB – *Penso que aqui existe uma mensagem cultural implícita, de que se você não acompanhar o "progresso" ficará isolado e em situação econômica inviável.*

MB – Às vezes me rotulam, dizem que tenho uma visão "romântica". Mas, a mim parece apenas senso comum. Não estou querendo dizer que desprezemos a tecnologia. Seria ridículo. Mas, que papel ela desempenha na ecologia geral de nossa vida? Que decisões temos tomado baseados nela? Decisões com base, ou se trata apenas de "avanço" meramente novo, excitante e lucrativo? Existe um grande perigo de sentir-se marginalizado, como o índio no *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, que fala de um conjunto diferente de valores. Finalmente, nossa sociedade se encontra numa situação na qual os outros valores, aqueles de protesto, funcionam como um tipo de pausa das tardes de domingo. Ou são coisas que falamos "da boca para fora", enquanto continuamos com nossas atividades no "mundo real". Quando afinal você entra em crise e sua vida se torna sem significado, você recorre a um terapeuta, sem compreender que a cultura e a alma, a cultura e a personalidade, o dentro e o fora estão todos relacionados.

CB – *É possível que a terapia esteja funcionando agora como um tranqüilizante? Em vez de*

as pessoas mudarem o mundo exterior, elas procuram o terapeuta ou o mestre espiritual colocando o problema de maneira que nenhuma mudança externa precise acontecer?

MB – Obviamente, essa acusação já foi feita. Os marxistas acusaram os freudianos desde o início de tentar acomodar as pessoas a uma sociedade que era, ela própria, o problema. É uma questão delicada; qualquer sistema está sujeito a excessos. Eu não me importo com o tipo de sistema, contanto que haja tolerância e decência por parte dos indivíduos que o constituem. Algo como o budismo, por exemplo, pode prestar-se a um quietismo político. Há algum tempo, eu estava lendo um dos livros de Thich Nhat Hanh, *Caminhos Para a Paz Interior*. Gostei muito do livro, mas fiquei perturbado com o fato de o autor ter sido politicamente neutro durante a guerra do Vietnã. Contudo, pude perceber o poder de ir além do pensamento dicotômico. No caso, o budismo não levou Thich Nhat Hanh a uma postura de quietismo. Ele age para curar as coisas no mundo. Assim, o trabalho interior não precisa tornar-se um "ajustamento" a uma sociedade injusta.

Thich Nhat Hanh também mostra que você é mais eficiente no mundo quando está feliz. Este é um ponto importante a considerar, pois penso que, em grande parte, o problema com reformas, revoluções e rebeliões sociais é que freqüentemente são conduzidas por pessoas amargas e desesperançadas. E quem desejaria mais um movimento revolucionário que os despossuídos? O problema é que, ao alcançar o poder, essa energia muitas vezes reproduz a estrutura que repôs, criando assim um efeito do tipo "porta giratória". Existe uma bela citação de Nietzsche: "Você pode imaginar uma vida não vivida por vingança?" Precisamos compreender a ação social e saber que, historicamente, muitas vezes envolve violência. Mas, afinal das contas, precisamos viver, e não em um estado de amargura, mas em uma condição na qual o amor, de alguma forma, possa penetrar. Penso que quando você está se sentindo mal consigo mesmo, dilacerado por conflitos internos, a terapia e o trabalho espiritual podem ser importantes se o ajudarem a lidar com essa condição.



Rolf Gelewski

Foto de Atilio Avancini, do livro *Buscando a Dança do Ser*

CB – *Mas eles não podem substituir a mudança cultural.*

MB – Não acho que possam. Christopher Lasch argumentou de forma semelhante em relação ao movimento de potencial humano. Ele o considerava narcisista. Bem, muito desse movimento era narcisista e muito dele foi também necessário. Mas nós ainda temos que colocar o dentro e o fora juntos.

CB – *O trabalho interior relacionado à mitologia e o movimento mitopoético são agora bastante populares. Como você acha que esses movimentos afetam a consciência?*

MB – Esse movimento é muito complexo e parece ter tanto um aspecto positivo quanto um negativo. É muito fácil, por exemplo, ser engolido por um mito e perder a perspectiva crítica. O que acontece em geral é que os mitos se tornam posições fixas. O modelo do "contar histórias" é aquele em que todo mundo dança conforme a música e isto é o que caracteriza as culturas pré-modernas. Aí existe muito poder; isso é muito importante. Em certo sentido, a mitologia é a base do pensamento. Ela cria as estruturas que permitem ao nosso cérebro começar a funcionar, mas parte deste funcionamento deveria incluir a própria "desconstrução" da mitologia. Esta é a questão que ninguém quer encarar, pois se pensa "este é o meu mito, ele é real, não é um 'mito' ..."

CB – *Desta forma, meu ego se agarra no mito.*

MB – Uma coisa que acontece especialmente no movimento nova era/nova consciência é o fato de as pessoas falarem de ganhar poder interior mas, em geral, parecem ganhar poder egóico. Basicamente, ele permite que você seja "importante", em vez de ajudá-lo a ficar com a questão mais profunda, isto é, que finalmente temos que aprender a nos mover entre o mito e o diálogo, a razão. Você não pode ter apenas um ou outro.

Parte do legado da Revolução Científica foi descobrir que a verdade vem através do diálogo. Entretanto, o diálogo tende a criar um mundo totalmente abstrato, alienado e dissecado. É por isso que alguém como Joseph Campbell, que fala sobre consciência mitológica, se torna extremamente popular. As pessoas estão famintas, espiritualmente falando. O problema é que muitas vezes não reconhecemos a existência de um aspecto

negativo do mito, tanto quanto existe um aspecto negativo no pensamento analítico.

Muito do que eu falo em *Coming to Our Senses*, sobretudo na discussão sobre o ciclo da heresia e da ortodoxia, é o fenômeno do "congelamento" em uma posição fixa, a imersão de uma cultura na mitologia com a conseqüente inabilidade de lidar com aquilo que chamo de "gesto de equilíbrio". Especificamente, os especialistas em mitos e os que vivem miticamente não estão realmente interessados em falar sobre a natureza e a base do mito. Eles não querem dialogar; eles se rendem ao mito e querem que os outros façam o mesmo.

CB – *Têm medo de libertar-se de sua posição e libertar-se da mágica?*

MB – Sim, esse é o xis da questão. Aqui temos uma analogia interessante. Há mais ou menos um ano e meio, decidi deixar de tomar café. O café era uma forma de começar o dia e torná-lo "brilhante". Passei por um período de dois meses de abstinência. Embora eu não estivesse tomando tanto café, tomar apenas café descafeinado foi uma agonia. Até que, algumas semanas atrás, resolvi deixar também o descafeinado. Também foi muito difícil. Foi como abandonar tudo. Algumas vezes, vejo essa antiga energia arquetípica e todas essas estruturas mitológicas da mesma forma, ou seja, uma forma de sentir-se "alto" e "brilhante". Não é por acaso que Campbell tornou todos os mitos – e eu penso que erroneamente – mitos heróicos. Nesse sentido, com frequência ele falhou na compreensão da mitologia. É ridículo para mim dizer isto, porque, quem compreendeu a mitologia melhor que Campbell? Mas penso que ele tornou heróicos muitos mitos que eram basicamente iniciatórios. O que não é a mesma coisa.

CB – *Se são iniciatórios, isto os faz adolescentes.*

MB – Na verdade, é o heroísmo que os torna adolescentes. No artigo que Brendan Gill escreveu para a *New York Review of Books*, ele reparou que aos 80 anos Campbell parecia pueril. Pensei "olhe aí, o herói como *puer*, a pessoa que tem sempre que ser a estrela, precisa estar sempre por cima, precisa ser sempre a figura central". Existe aí um certo narcisismo. E isso vai mais longe. O que está presente neste tipo de heroísmo arquetípico

é a mesma coisa que eu encontro presente no consumo de café. É uma máscara para a depressão. Na medida em que você está atuando heroicamente, não precisa encarar sua depressão.

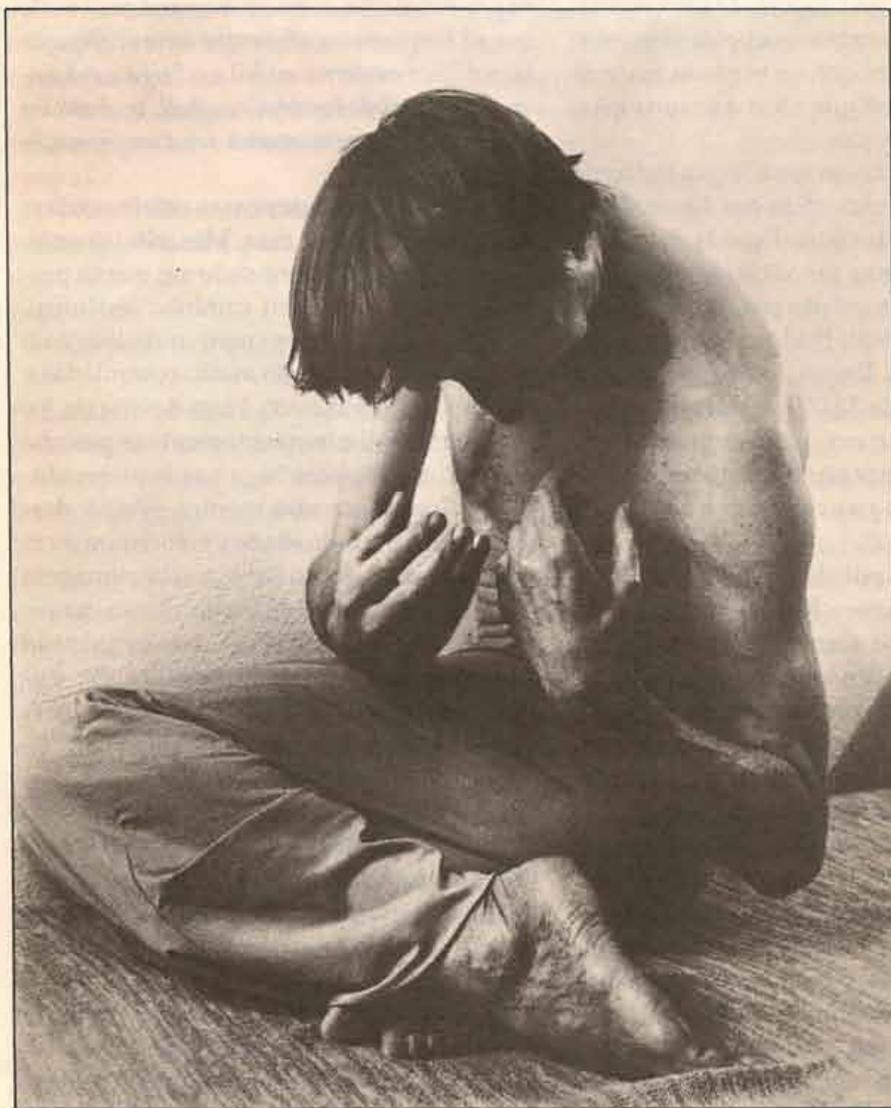
Percebi, por exemplo, que não ingerir café criou uma vulnerabilidade no meu corpo que era terrível, especialmente na região das costelas, dos intercostais. Eu caminhava lentamente pelas ruas me protegendo o tempo todo, literalmente "segurando meus lados". Acredito que nós nos protegemos com estruturas mitológicas de maneira semelhante. Elas têm valor, mas a questão é usá-las e não sermos usados por elas e, finalmente, em certa medida devemos ir além dos arquétipos. Estou entrando em um território

que não conheço muito bem, mas tenho a convicção de que, de certo modo, permanecer preso aos arquétipos é permanecer preso à adolescência.

Ram Dass fez uma vez um comentário de que o problema com Carl Jung era que ele não sabia como ir além de ser Carl Jung. Jung estava falando sobre viver em um mundo onde você ainda tinha que ter uma forma padrão para negociar com a realidade. Isso é o que Campbell também nos deu. "Oh, esse conto de fadas significa isto, enquanto aquele outro significa aquilo." Então, você tem uma orientação com relação ao mundo. Você está seguro. Seus intercostais não estão expostos.

No livro *Coming to Our Senses*, faço uma comparação entre o que chamo Criatividade

Depressão é o caranguejo que perdeu a carapaça e ainda não formou uma nova



Rolf Gelewski
Foto de Atilio Avancini
do livro *Buscando a Dança do Ser*

II e Criatividade III. Basicamente, Criatividade II é o modo arquetípico. Consiste em encontrar a torrente que irá levá-lo à grande paixão, à estática "estrutura vertical" na qual você está seguindo sua bem-aventurança, fazendo todo esse trajeto heróico. É tudo muito poderoso. Você pensa, "como isto poderia estar errado?" O problema é como distinguir entre seguir sua bem-aventurança e seguir sua obsessão. Quando é que isto começa a comê-lo vivo?

Quando falei em Criatividade III, um modelo de criatividade baseado na integridade e não no conflito, só consegui encontrar um modelo oriental para ele. Por exemplo, Thich Nhat Hanh é uma pessoa que não vive em um mundo arquetípico, embora sua energia vital seja muito forte. Sinto que sua energia é vital, e não heróica ou "triunfante". Com o correr dos anos, comecei a dar-me conta de que poderia seguir, de uma maneira ou outra, a corrente arquetípica pelo resto da minha vida mas que, na verdade, ela teria um aspecto juvenil que a tornaria uma máscara para a depressão.

Existe uma palavra em uma língua indígena da Patagônia, mencionada por Bruce Chatwin em seu maravilhoso livro *In Patagonia*. Chatwin encontrou um dicionário no Museu Britânico, compilado por Thomas Bridges no século XVIII. Bridges construiu um dicionário dessa língua indígena baseado numa tradução de 32.000 palavras. O que a tribo indígena usava para depressão era uma longa sentença significando "um caranguejo que soltou sua carapaça e ainda não formou uma nova".

No capítulo "O Gesto de Equilíbrio" do livro *Coming to Our Senses*, falo da possibilidade de viver fora dos compartimentos. Os arquétipos constituem um conjunto interessante de compartimentos mas, na verdade, são um conjunto e por fim prendem as pessoas, embora nas fases iniciais possam ajudá-las a se desprender.

Alguns anos atrás, quando eu morava em São Francisco, assisti a uma palestra de um proeminente escritor junguiano. Havia lá oitocentas pessoas. O assunto era a famosa Tábua de Esmeraldas, o grande trabalho alquímico de Hermes Trismegisto. O palestrante recitava uma linha da tábua e oitocentas vozes grunhiam em uníssono. Depois, ele repetia outra linha e mais grunhidos

se seguiam. Compreendi que essa reunião não era diferente de um encontro de *revival* da seita batista. Havia algo muito mecânico naquilo que estava acontecendo. Dizer que estamos de algum modo mais iluminados, porque estamos sob a bandeira de Carl Jung, não vai funcionar.

Anos mais tarde, uma questão ficava me incomodando: o que significa viver num mundo ou situação em que você não está procurando uma forma? É como largar uma carapaça que não se formará facilmente de novo. Podemos até considerar a possibilidade de não se formar uma nova carapaça, ou de se formar apenas uma muito fina. É aqui que as coisas se tornam mais difíceis e, ao menos no começo, depressivas. É isto que o heroísmo procura esconder.

CB – Gostaria de voltar ao diálogo entre mito e racionalidade. Se, como ser humano, você sente que só tem uma escolha entre uma civilização tecnológica moderna estéril e o "siga sua bem-aventurança" de Joseph Campbell, você escolhe o último, que tem ao menos uma configuração humana.

MB – Bem, espero que nossas escolhas sejam mais amplas do que essa. Mas, obviamente, Campbell estava interessado em que as pessoas encontrassem seu caminho autêntico. Um terapeuta amigo meu trabalha com muitas pessoas que são muito controladas e reprimidas. Ele mesmo é um devoto de Joseph Campbell e frequentemente se percebe dizendo aos clientes "siga sua bem-aventurança". Isso choca suas mentes, porque desde os cinco anos de idade aprenderam a seguir as regras – como Babbitt, o personagem conformista do livro de Sinclair Lewis na expressão de Campbell. Para eles, "seguir sua bem-aventurança" é muito benéfico; não duvidamos de que isto ajude a tirá-los da "perversidade da normalidade".

CB – Mas, seguir a bem-aventurança tanto pode criar liberação quanto sociopatia, dependendo de quem o diz e a quem está sendo dito e qual a história e o modo de interação dessas pessoas com seus arquétipos. Tudo depende do contexto.

MB – Claro, o problema é que as mensagens sobre individuação difundidas através de um alto-falante, conforme comentou Baynes, um analista junguiano, em 1941, podem



Rolf Gelewski
Foto de Atílio Avancini,
do livro *Buscando a Dança do Ser*

O que há de errado em seguir de um paradigma para outro e depois outro?

ser muito perigosas. E eu penso que Joseph Campbell estava tentando fazer com que as pessoas vivessem seu sonho em vez do sonho da massa ou o sonho de outra pessoa. A questão que gostaria de colocar é: o que acontecerá quando o "campbellismo" ou outra estrutura mitológica se tornar o sonho da massa? Teremos aquele ciclo de heresia e ortodoxia que descobri em *Coming to Our Senses*. A difusão por atacado de algum slogan arrebatedor será inevitavelmente problemática. Existe um livro de Northrop Frye chamado *O Caminho Crítico*. Frye é autor de livros sobre William Blake, a Bíblia e vários temas mitológicos. O título é tomado da última linha da *Crítica da Razão Pura* de Kant, em que ele diz que nem o dogmatismo nem o ceticismo têm um lugar na discussão filosófica. Ele diz que "apenas o caminho crítico está aberto".

Quero enfatizar que ao dizer "criticismo" Kant não estava – pelo menos eu não acho –

falando de lógica, análise científica ou razão pura e sim de negociar a linha entre mito e razão. Isto é o que estou tentando atingir, a noção de um caminho crítico, um modo de pensar no qual tanto o mito quanto a razão estejam presentes. Minha hipótese é que o desenlace, a verdadeira linha demarcatória fica entre os paradigmas, não sobre eles. Um dos revisores do livro *Coming to Our Senses* comentou: "Isto não vai acontecer. As pessoas não vão ser capazes de fazer isto".

É claro que este era o dilema levantado por Platão e pelo Grande Inquisidor em *Os Irmãos Karamazov*: que as pessoas querem apenas "sugar o seio", nem mais nem menos. O que não quer dizer que, se você estiver vivendo em um mundo puramente racional, você também não esteja "mamando", pois neste caso você na verdade está criando um mito a partir da análise e do ceticismo. Isso também pode representar uma forma de cegueira ou adoração.

CB – *Está me parecendo que seria muito difícil para um ser humano seguir o caminho crítico sobre o qual você está falando. A solidão e a dor seriam muito grandes.*

MB – Sim, a definição de depressão dos índios da Patagônia capta isso. Por quanto tempo você consegue viver sem uma proteção? Por quanto tempo você consegue ficar no vazio? Não acredito que minhas próprias potencialidades sejam especiais neste sentido. Sou tão medroso e vulnerável quanto qualquer pessoa. Michel Foucault disse uma vez em uma entrevista que não existia uma forma bem definida para a liberdade. "Liberdade" é um verbo, é algo que você faz. Não pode ser garantida por qualquer estrutura, qualquer instituição, qualquer sistema, tanto mitológico quanto de qualquer outra espécie. Uma coisa que comeci a ver no movimento holístico /nova era/nova consciência é que estava se cristalizando rapidamente em torno de uma forma. De fato, não importa se estamos falando do movimento dos homens, do feminismo, da hipótese Gaia, da medicina holística ou seja lá o que for. A questão é que o desejo dos seres humanos – e eu tenho dificuldade em acreditar que seja inato – não é continuar o processo de aprendizagem e experimentação. Ao contrário, queremos encontrar uma fórmula que simplifique as coisas para que possamos escapar da liberdade e ter "paz".

Em *The Reenchantment of the World* comento sobre Isaac Newton, que começou seus experimentos com alquimia e a visão alquímica de mundo. Então, devido às pressões sociais às quais somos tão vulneráveis, ele cedeu e optou pela segurança da visão de mundo mecanicista. À medida que vi a era "holística" vindo à tona, compreendi que tinha começado a corrida para encontrar uma fórmula e não para permanecer no processo. Também não era para permanecer com as possibilidades e fluir com elas e sim para congelá-las heroicamente em um novo paradigma, uma nova maneira de conceitualizar o mundo. Pensei comigo: "Por Deus, isto foi exatamente o que aconteceu no século XVII durante a Guerra Civil Inglesa". Basicamente, tínhamos um conceito bastante livre do que seria a natureza e um debate bastante excitante, anárquico, epistemológico, aventureiro dessas coisas, e depois veio um endurecimento. Por que seria diferente desta vez?

Eu me lembro de ter falado nisto recentemente em uma palestra que fiz em Mineápolis. Uma mulher no auditório disse: "O que há de errado em seguir de um paradigma para outro e depois outro? Parece muito natural". Eu disse: "Sabe, fizemos isso durante muito tempo e provavelmente vamos fazê-lo de novo. Mas pelo menos uma coisa me vem à mente: nós praticamente destruímos o planeta devido a nosso paradigma mecanicista, que no século XVII era novo e excitante, e até mesmo libertador. Agora, sem muita precaução ou introspecção, estamos gerando o mesmo tipo de energia arquetípica ou heróica em torno do holismo, que também pode vir a provar ser um desastre em poucos séculos e talvez até antes disso. Temos uma oportunidade de não fazer isto, de ficar em um espaço mais fluido e ver o que vem à tona sem manipulação heróica".

Existiram civilizações inteiras que fizeram isto. Penso, por exemplo, na Grécia do século V a.C. Os escritos de Ésquilo são um exemplo clássico do navegar como um barco à vela entre o mito e a razão. Era isto o que pareciam a civilização grega no século V a.C. ou a Europa Ocidental no século XVI d.C., um período alquímico invulgar. Existe um maravilhoso ditado na literatura alquímica: fique na confusão. Aplicado à situação atual, significa não tentar criar um novo compartimento do tipo Igreja do Pensamento Holista...

É nesse momento que você encara seu próprio vazio, aquilo que o novelista inglês John Fowles chamou de *nemo*, e pergunta: "Qual a origem desse desejo de paradigmas?" Ele é diferente de um desejo de cafeína? Ou de um arquétipo? Oh, esse ímpeto heróico me fará tão bem!" E você sabe que apenas recusá-lo não é suficiente. Deve existir algo além de ficar simplesmente no vazio, pois penso que o vazio cria uma situação instável tanto para os indivíduos quanto para a sociedade. A depressão permanente não é uma resposta. Como qualquer outra coisa, o *nemo* deveria ser um instrumento, não uma visão de mundo. Mas é crucial saber que a zona intermediária existe, saber da dificuldade e do poder disto, compreender sua importância antes de instalar-se em uma posição fixa.

Fowles diz que a idéia não é livrar-se do *nemo* mas fazer amizade com ele. Não é um

incêndio no centro da cidade, do qual você tem que fugir, gritando aterrorizado. Basicamente, você desenvolve um relacionamento com essa vacuidade. Este problema, de fato, foi perseguido por milênios no Oriente. Algumas correntes da religião asiática entenderam muito bem a questão. Penso que Thich Nhat Hanh poderia ser tomado como um exemplo vivo – desde que não comece-mos a venerá-lo! O único problema é que nos falta um modelo ocidental. Quando cheguei ao final de *Coming to Our Senses*, discutindo Criatividade II e Criatividade III, o melhor que pude fazer foi referir-me ao Oriente, e isso não é suficiente.

Você sabe, os livros não são sagrados, inclusive os meus. São apenas conversas do autor consigo mesmo e com as pessoas que poderiam estar interessadas em ouvi-lo. Isso é tudo. No momento em que um livro meu aparece – e leva dois anos entre a versão final e as livrarias – eu já discordo dele. E, no que me diz respeito, está tudo bem assim. Deve existir uma procura pelo caminho crítico que não esteja pré-definida. Se estiver pré-definida, não é um caminho crítico.

O gesto de equilíbrio significa que você está sempre mudando sua postura, para a frente e para trás. É preciso mais mito aqui? É preciso mais razão ali? Estou muito seguro? Estou muito inseguro? Onde está minha psique? Onde está minha estrutura? Onde está a sociedade? Isto é o que você está fazendo. Este é o caminho crítico. Mas este tipo de coisa é muito amedrontador, pois vivemos em um mundo fragmentado, um mundo no qual as pessoas precisam ter segurança! O que elas querem é uma fórmula que possam absorver em um workshop de fim de semana e seguir pelos próximos três meses, até fazer outro workshop. Existe uma diferença entre levar uma existência pré-moldada e deixar que a vida seja seu mestre.

Não sei onde li o seguinte: o autor estava falando de algo que eu chamaria de *verdadeiramente* heróico. Ele deu um exemplo de uma mulher estuprada pelo pai quando tinha três anos de idade; à medida que ela se tornava adulta, dedicou seu tempo à terapia e outros meios para trabalhar com a dor e o terror, até ser capaz de confiar em um homem, permitir a intimidade e finalmente se casar. Olhando de fora não é grande coisa: alguém se casou. Acontece todos os dias!

A verdade é que essa mulher conseguiu algo incrível. Deve ter sido uma façanha notável caminhar através desse terror, fazer amizade com o *nemo* e dizer "não vou morrer e não vou usar uma fórmula. Vou viver nesta vida, a partir de um lugar no meu corpo". Talvez seja uma questão de como definimos "Deus". Isto parece uma fuga do assunto, mas talvez não seja. Deus é uma presença viva em que você realmente confia? Ou você diz: "Onde está a cruz? Onde está a mezuzá? Onde está a forma fixa? Onde está o arquétipo? Onde está o seio?"

CB – Isto me faz pensar no corpo e no fato de que as pessoas estão à beira de um colapso. Se tivéssemos mais apoio, poderíamos ser capazes de trilhar o caminho crítico. Mas estamos aflitos com nossas histórias, com nosso ambiente. Estamos em nosso limite. Dizemos: "Uma fórmula! Vou agarrá-la!"

MB – No final de Coming to Our Senses, dou um exemplo de um amigo meu, um professor do método Feldenkrais. Perguntei a ele o que havia conseguido depois de tantos anos estudando trabalho corporal e ele respondeu: "Sabe, está ficando cada vez menos importante para mim ganhar uma discussão". Pensei "ah, agora estamos nos entendendo!" Todo esse papo sobre a busca da Visão, da jornada heróica e do Graal, tudo isso é nada comparado com a capacidade de ser flexível.

Recentemente, tive um desentendimento com uma namorada. Eu já não a via há um bom tempo. De repente, ela surgiu do nada – tocou a campainha na minha casa. E, na verdade, foi muito bom. Sentamos e conversamos por umas duas horas. Alguns dias depois, recebi uma carta dela, que foi extremamente dolorosa. Era sua interpretação da nossa relação. É claro que não se parecia com nada daquilo que eu identificava como nossa relação e essa disparidade na percepção entre membros de um casal ou ex-casal é muito comum. Mas eu estava ferido e com raiva, e minha reação imediata foi telefonar para ela e me defender.

Sucedeu que o Destino estava do meu lado. A linha estava ocupada. Assim, parei de chamar o número dela e liguei para alguns amigos, contando-lhes o que tinha acontecido e como estava me sentindo. Dois amigos em particular me perguntaram:

"Quão importante é para você passar as coisas a limpo?" Eu disse: "Muito". E eles responderam: "É bom você pensar sobre isso". Respirei calmamente, relaxei e pensei no que eles me haviam dito, e isto nos traz de volta ao assunto que estávamos discutindo. Veja, é fácil escrever sobre alguma coisa, mas é difícil vivê-la. Mas, com um pouco de respiração e um pouco de ajuda dos meus amigos, consegui não responder; consegui que minha ex-namorada ficasse com sua própria interpretação.

Tudo isto aponta para a questão que o psicólogo francês Henri Wallon chamou de "confiscamento", em que alguém faz uma interpretação sobre você que violenta seu senso cinestésico interno. Externamente, a interpretação é contrária à maneira como você sente a si mesmo. Em uma situação com pessoas mais íntimas, como amantes ou ex-amantes, o impulso é freqüentemente agarrar a pessoa pelo colarinho e dizer: "Escute! Foi assim que as coisas aconteceram!" Pois se o Outro significativo não valida o Eu, nos sentimos afundar. Bem, foi um momento memorável para mim, ouvir esses dois amigos dizendo que eu não precisava responder à minha ex-namorada. Por mais dois dias, estive ocupado escrevendo respostas para ela, justificando-me, e, finalmente, peguei a carta dela e todas minhas respostas e joguei no lixo. Sabe, alguma coisa aconteceu comigo quando fiz isso. Nas 24 horas posteriores a esse fato – foi inusitado – experimentei um tremendo sentimento de leveza. Fui mal interpretado? Tudo bem. Foi uma abertura.

Isto não acontece comigo com muita freqüência e não penso que deva esperar que aconteça. Pois a luta para incorporar é longa e dolorosa. Eu tive, na verdade, uma história bastante dolorosa, e quando você tem isso por trás, você escapa para a cabeça. Então, de que você precisa? O tempo todo, de imagens arquetípicas. Precisa de agitação. Precisa de caféina. Precisa permanecer ocupado. Precisa não sentir nada e Deus o livre de um longo feriado ou um fim de semana que não consiga preencher e a verdade fique encarando você.

Comecei a perceber que, quanto mais trabalho corporal fazia, mais me penetrava o sentimento de que não devia insistir em que as pessoas tivessem a interpretação "certa" de mim. Isto diminuiu meu nível de agitação.

Mas eu não sou um caso exemplar neste sentido. Tenho uma psique muito amedrontada e foi muito trabalhoso chegar a um nível menor de medo. Em minha opinião, para a maioria das pessoas talvez seja mais fácil do que foi para mim.

Mas é preciso começar de algum lugar para compreender, ao menos intelectualmente, que o caminho crítico realmente existe e dizer "é isto o que eu quero". Este é um importante primeiro passo. Significa que você pode pelo menos começar o trabalho; você pode começar pelo menos a se mover lentamente nessa direção.

Quando as pessoas se agarram a ideologias e slogans, existe implícita uma característica de medo, deslocamento, des-incorporação. Isto significa que o indivíduo é mais um objeto, algo que pode ser desenraizado muito facilmente. Uma das questões que você me colocou foi se eu via uma bifurcação na via entre nosso interesse obsessivo pela tecnologia e uma possível revolução somática. Existem, com certeza, mais de duas opções, mas eu gostaria de ver esta cultura começar a fazer algumas escolhas somáticas, e isso significa sentir uma integridade interna, uma rede de segurança somática. Essa seria uma cultura admirável. Uma das razões de eu estar interessado justamente agora nas sociedades paleolíticas e na consciência paleolítica é que acredito que elas tinham certa integridade somática. E acredito que nós não a temos.

CB – Também acredito que elas tinham essa integridade. Mesmo agora, quando vou para uma aldeia italiana, sinto-me segura. Lá, as pessoas têm o mesmo tipo de problemas que a maioria, mas existe ali algo diferente, que eu conheço de uma forma visceral.

MB – Para falar a verdade, as aldeias contemporâneas estão mais próximas da nossa história paleolítica do que nós. A questão é que, no fim das contas, todas as questões com as quais nos divertimos não têm valor nenhum sem essa qualidade de incorporação.

Vamos retornar por um momento à relação entre mito e razão. Este tema está vindo à tona em nossa cultura de várias maneiras. A primeira vez que tive consciência disto foi no trabalho de Thomas Pynchon, como *Vineland* ou *Gravity's Rainbow*: são

livros difíceis, pois as primeiras 100 páginas, aproximadamente, apresentam um mundo totalmente alienado, científico e desconectado. É um modelo totalmente desmitologizado, no qual nada tem relação com o que quer que seja. Então o texto começa a mudar. Pynchon começa a fazer conexões entre os elementos díspares até que, finalmente, tudo se mostra interconectado e guiado por uma mão invisível ou oculta. Assim, o que é mostrado em seus romances são os dois pólos da mesma paranóia: ou nada tem relação com nada, ou tudo está relacionado com tudo, o que representa um tipo de claustrofobia ou sufocação. Se você quiser, esta é a opção totalmente holista, um mundo totalmente interconectado, do qual não há saída. Penso que a questão de um caminho de saída seja um ponto fascinante. Acho que são os índios navajos que usam a imagem de um círculo quebrado. A parte do círculo é o mito que mantém a nação unida; a quebra é o modo desmitologizante de que estivemos falando, que permite que alguém saia e então faça uma crítica sobre o mito.

CB – *Isso deixa a pressão sair.*

MB – Outro exemplo é o tapete navajo tecido com um fio que se deixa solto para que os espíritos maléficos possam sair e os bons espíritos possam entrar. Em outras palavras, é preciso um ponto de entrada e um ponto de saída. Viver em uma cultura completamente analítica é um tipo de barbárie. Viver numa sociedade completamente mitológica é outro tipo de barbárie. Deve existir alguma forma de recipiente mitológico, e também deve se ter aquilo que chamamos de ridicularização do monarca.

CB – *O bobo da corte.*

MB – Deve existir algo que diga "esta estrutura toda pode estar errada; precisamos falar sobre isto".

Outro exemplo que quero mencionar neste sentido é um romance do escritor peruano Mário Vargas Llosa, *O Falador*. É sobre um judeu peruano instruído, Saúl Zuratas. Saúl fica fascinado com determinada tribo indígena que vive no Amazonas, chamada Machiguenga. Ele a estuda como um etnógrafo ou antropólogo até que afinal desaparece dentro da tribo. Anos mais tarde, caminhando por uma

rua de Florença, o narrador desta história – presumivelmente o próprio Vargas Llosa – vê uma fotografia dos membros da tribo na vitrine de uma galeria de arte. Ali, no centro do grupo, está sentado seu velho amigo, Saúl Zuratas, como contador de histórias da tribo, ou *hablador*. Vargas Llosa olha fixamente para essa fotografia incrível e compreende que, de alguma forma, Saúl conseguiu cruzar a fronteira entre a razão e o mito.

Estilisticamente, o romance é brilhante. Começa com um capítulo europeu, científico e discursivo, no qual o narrador e Saúl estão sentados em um bar de Lima debatendo política e antropologia. No capítulo seguinte, os anciãos da tribo estão contando histórias sagradas para Saúl na língua machiguenga. Por um tempo, você não sabe o que está acontecendo. Mas, à medida que o romance progride, você compreende que a alternância é deliberada.

Não há uma resolução no romance. Vargas Llosa tem o mérito de não vir dizer no final qual deveria ser a relação entre a razão e o mito. Por definição, não existe fórmula para o caminho crítico. Este romance é justamente o caminho crítico de Vargas Llosa, aquele que realmente força você a pensar. Ele não tenta integrar os dois mundos do mito e da razão. Apenas os coloca lado a lado e deixa você decidir como se sente a respeito destes dois mundos. Como Rilke já expressou, o autor prefere viver na questão. Penso que é aqui que entra a in-corporação. Minha opinião é que a in-corporação torna possível viver na questão, de forma que quando uma resposta emerge, ela o faz de forma orgânica. Se há uma esperança para este planeta e para a raça humana é que, de alguma forma – não me pergunte como – este modo de conhecer, de trilhar o caminho crítico possa tornar-se uma prática comum. Até onde eu percebo, este seria o fim do dogma e o começo da vida. ▲

• Este artigo foi publicado originalmente em inglês na revista *Common Boundary*, de julho-agosto/1991 (copyright 1991 Common Boundary, Inc.), e aqui transcrito com expressa autorização do editor.

Para fazer uma assinatura (30\$US) dessa publicação bimensal, ou para informações, escreva para *Common Boundary magazine*, 4304 East-West Hwy., Bethesda, MD. 20814, USA.

7/agosto

**CRIATIVIDADE HOLÍSTICA -
UM GUIA PARA
O SEU POTENCIAL TOTAL**

Tim D. Hildebrandt

Freqüentemente somos detidos por experiências do passado, sejam aquelas vividas durante a infância, ou, por relações anteriores. Desse modo, nem sempre somos capazes de estar no presente para criar todo o futuro que desejamos.

O poder criativo tem como objetivo propiciar elementos para criar a nossa vida, utilizando todo o potencial de que dispomos.

21/agosto

**CONHECIMENTO DE JOGOS -
O JOGO DO CONHECIMENTO**

Lino de Macedo

Tendo como referência principal a Epistemologia Construtivista de Piaget, serão analisados: quanto ao aspecto "conhecimento de jogos" o *Cair das letrase a Senha*. Quanto ao aspecto "jogo do conhecimento", a função explicativa do jogo no homem (nele incluídos seus dois antecessores: o primitivo e a criança), tanto para fenômenos naturais como culturais; a função implicativa do jogo nos processos de conhecimento do homem; o lugar dos jogos no adulto e algumas conseqüências práticas de seu uso.

28/agosto

**RELIGIÕES JAPONESAS:
SUAS ORIGENS
E A DIFUSÃO NO BRASIL**

Ronan Alves Pereira

Embora os primeiros imigrantes japoneses tenham desembarcado no Porto de Santos em 1908, a grande maioria das religiões japonesas só passaram a ser mais divulgadas entre os brasileiros sem ascendência nipônica a partir da década de 60. O Budismo "tradicional" (Zen, Escola da Verdadeira Terra Pura) conseguiu arrebatar um grupo de membros brasileiros, mas são as chamadas Novas Religiões que atraíram o maior número de adeptos no Brasil. Mas, qual é a origem dessas religiões? Como se deu o desenvolvimento delas no Japão? Quais são os grupos que mais têm crescido no Brasil? Essas e outras questões serão abordadas na conferência.

4/setembro

CAMERATA VIOLONÍSTICA

Regência: Manoel São Marcos

violinistas:

Tatsuaki Yoshimura

Marcio Queiroz Urban

Programação 2º Semestre

EVENTOS COMENTRADA FRANCA

SÁBADOS, ÀS 19 HORAS

Paulo Francisco Von Bruck Lacerda

Shigeharu Adalto Adachi

José Mauricio Lopez

Daniel Barreiro

Luiz Gustavo Rocha Malheiros

Ulisses Stathopoulos

Alexandre Domingues de Oliveira

Ricardo Cesar Toniolo

Irineu Geronazzo Filho

No programa peças de Phalese, Frescobaldi, Dowland, Beethoven entre outros.

11/setembro

**A RIQUEZA NATIVA
DAS AMÉRICAS**

Helmut Waszkis

Neste encontro trataremos da importância dos minérios e dos metais na história e no desenvolvimento das Américas, desde os tempos pré-colombianos até os dias de hoje. A riqueza destas terras foi um forte motivador do interesse, entre os europeus, de aportar nas costas americanas e nesse processo o Brasil tem muita história para contar.

18/setembro

**MUSIKANTAS
GRUPO DE MÚSICA ANTIGA**

Luis Antonio Ramoska - fagote

Alexandre Pimenta - flauta doce

Sergio Haguiera - flauta doce

Alcione Ribeiro - cravo

No programa peças de Tellemann, Bach e Vivaldi entre outros.

2/outubro

**GANDHI, UM MENSAGEIRO
DA PAZ**

Suzete Carvalho

A paz, como o amor, serão meras abstrações intelectuais, se não os pusermos em prática. Gandhi nos oferece um rumo concreto: fazer deles uma profissão de fé.

9/outubro

QUARTETO FUNDARTE

Alexandre Scoss Nicolai - Violino

Márley Chamorro Las Casas Jr. -

Violino

Marília Pini - Viola

Adriana Holtz - Violoncelo

No programa peças de Mozart e Camargo Guarnieri entre outros.

16/outubro

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO
DISCURSO POLÍTICO**

Izidoro Blikstein

A partir do método semiótico serão discutidos textos de políticos da atualidade, mais particularmente, o discurso de Collor, com o objetivo de desvendar o processo de manipulação e de persuasão que levou uma parcela considerável da população não só a votar, mas, depositar irrestrita confiança na figura do ex-presidente.

23/outubro

**DESTINO E LIBERDADE
EM CÍCERO**

José Rodrigues Seabra Filho

Os tratados filosóficos escritos por Cícero dos quais conhecemos hoje pontos essenciais de correntes como a da Nova Academia de Arcésilas e Carnéades e a escola estoica de Crisipo apresentam basicamente reproduções de doutrinas gregas. Neste encontro estudaremos o *fatum* (destino) e o *libre-arbitrio* na obra ciceroniana, assunto de suma importância na análise do comportamento humano.

30/outubro

**DEMONSTRAÇÃO DE
PINTURA SUMIÊ**

Rita Böhm

Sumiê é a arte, do Extremo Oriente, da pintura em nanquim, espontânea, sugestiva, e um dos meios artísticos que expressa o espírito zen. A espontaneidade despretençiosa da pintura Sumiê, com sua simplicidade e originalidade tem como objetivo não a imitação da natureza, mas, sua recriação a partir da visão espiritual do artista.

6/novembro

**AS ETAPAS DA VIDA:
O APRENDIZ, O GUERREIRO
E O SÁBIO**

Colação Vêras

A compreensão do momento em que vivemos só é possível se pudermos ver a vida de "corpo inteiro" em sua plena significação. Por que não ensaiarmos nossos primeiros passos neste caminho procurando o en-

tendimento das etapas de nossa vida? O que é o aprendiz, o guerreiro e, principalmente, o sábio?

13/novembro

ANIMAIS ARTISTAS

Antônio Jayro Motta

Como transformar simples animais em artistas de TV, cinema e publicidade? Por exemplo, os cães dos comerciais da Cofap, as borboletas da novela Pedra sobre Pedra, as baratas do filme País dos Tenentes. Prof. Jayro nos falará sobre esta sua atividade rara, mostrando em vídeo alguns de seus trabalhos e explicando como a psicologia contribui para isso.

20/novembro

OTIUM - MÚSICA VOCAL

Caio Pereira Santucci

Elizeu Sousa de Oliveira

Enedina Fonseca Redondo

Ilana Renata Schonenberg Roiz

Maria Magali Monteiro de Oliveira

Susana Maria Frias Pereira

Vera Cristina Mero Santucci

No programa peças de Orlando Di

Lassus, Clément Janequin, Con-

tanzo Festa, Jacob Arcadelt, Pe-

José Maurício dentre outros.

27/novembro

**GRANDES ANEDOTAS
DA HISTÓRIA**

José Caruso Filho

A história do homem está permeada de episódios pitorescos, alguns cômicos outros dramáticos mas sempre refletindo, conforme os costumes e hábitos, a alma humana em confronto com o mundo e consigo mesma.

4/dezembro

**A ANGÚSTIA DO HOMEM E A
BUSCA DA PAZ INTERIOR**

Frei Patrício Sciadini, O.C.D.

11/dezembro

**CORAL DA UNIÃO CULTURAL
BRASIL-ESTADOS UNIDOS**

Regente: Marcos Câmara

No programa peças de Jacob Arca-

delt, Clément Janequin, Brahms,

Josquin des Prés, Francisco Xavier

Gruber, Irving Berlin, Fernão Gomes

Correia, Stravinsky, Bach e

"Negro Spirituals".

ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Centro de Estudos Filosóficos

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Metrô Brigadeiro

04003-010 - São Paulo - SP - Fones: (011) 288.7356 e 283.0867



OS SETE CHACRAS

O caminho espiritual pode ser percorrido de muitas maneiras, mas todas as tradições concordam em um estado final de plena realização e iluminação. Para a tradição hindu, são sete os degraus ou planos de consciência a transpor, que a psicologia iogue define como "centros de energia psíquica localizados no corpo humano". Este artigo é o segundo de uma série enfocando as etapas do caminho, à luz da psicologia transpessoal.

FRANCES VAUGHAN

Segundo a tradição hindu, o caminho espiritual passa por sete planos de consciência, correspondentes, no plano físico, aos sete chacras. Embora a localização e significado que lhes é atribuído variem conforme as diferentes escolas e tradições, é importante assinalar que eles representam uma tendência universal: a de identificar determinados sentidos e sensações com determinados pontos do corpo. Quando os chacras estão abertos, a cada área correspondem sensações de felicidade transcendente, uma vez que cada chacra simboliza também uma etapa específica na evolução da consciência. Na jornada, que em geral se processa dos níveis inferiores para os superiores, cada nova etapa vai sendo incluída no nível imediatamente superior, ou se subordina a ele. Até que, pela prática espiritual, a consciência abarca os sete centros.

Em termos psicológicos, a abertura

dos três primeiros chacras relaciona-se com o desenvolvimento do ego. O quarto chacra corresponde a valores altruístas de amor e compaixão. É nele que se inicia o desenvolvimento transpessoal, que se completa quando todos os chacras estão abertos.



Muladhara - O primeiro chacra, o *muladhara*, literalmente, "suporte da raiz", ou "básico", localiza-se no perineo, está associado à sobrevivência e é representado pelo elemento terra. O desenvolvimento

sadio neste nível pode significar sucesso na realização de fins materiais, como ganhar a vida, satisfazer necessidades básicas de segurança, alimento e abrigo.

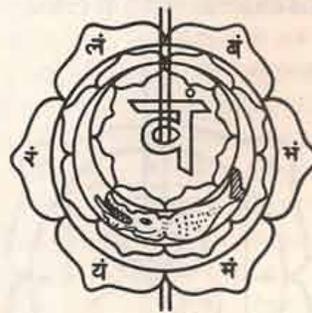
O *muladhara* pode ser considerado o nível mais básico da autoconsciência - a "consciência do meu". A realidade dominante é material. A consciência é capaz de diferenciar o corpo do meio ambiente, mas prefere permanecer identificada com o corpo e não com a mente. Assim, o ego corporal interage com o ambiente para manipulá-lo em proveito próprio. Um bebê neste nível reivindica a propriedade dos objetos; "meu" e "mim" são suas palavras favoritas. No adulto neste nível, as características são o orgulho de possuir, a identificação do self com propriedades materiais e o prazer de acumular coisas. A acumulação de méritos pode substituir o consumismo material, mas a motivação continua a

mesma: o desejo de ganho pessoal. As sociedades neste nível reconhecem-se pela tendência a explorar tanto os recursos naturais quanto os humanos e pela procura de expansão a qualquer custo.

Aqui, a motivação predominante é o desejo de segurança. A preocupação com a sobrevivência ultrapassa outros valores. Mudanças costumam ser vivenciadas como ameaças e o medo da morte tende a ser reprimido. A causalidade é em geral atribuída a circunstâncias externas e não a causas pessoais e os impulsos inaceitáveis são projetados nos outros. O pensamento mágico aparece como tentativa evidente de controlar o mundo exterior. A religião tende a ser textual, supersticiosa. É comum a crença em milagres. A oração serve para pedir e o comportamento ético se baseia na esperança da recompensa, nesta vida ou em outra, e no medo do castigo. Medo, aliás, é a emoção predominante no universo do primeiro chacra. Um medo muitas vezes manifesto com relação à perda da saúde física ou de bens materiais e que dá lugar à tática de atacar como meio de se defender.

Adormecido neste nível, o self aparece como vítima de impulsos inconscientes e circunstâncias externas. Os deuses também parecem adormecidos, ineficientes, impotentes até. A força e a inércia deste primeiro chacra são representadas pela imagem de um elefante, difícil de ser desalojado e que às vezes investe com fúria.

Apesar da força e domínio do primeiro chacra sobre a consciência comum, não é impossível escapar de sua realidade banal e mundana. A ruptura pode ser precipitada por uma crise psicológica que abale o equilíbrio do cotidiano ou pelo reconhecimento de que a satisfação duradoura jamais será alcançada pela posse e manipulação de objetos externos. Uma vez despertada, a energia *kundalini* adormecida neste chacra na base da coluna pode ser profundamente perturbadora, dilacerante mesmo. Jung a comparava à *anima*, o espírito de aventura, o anseio divino. À falta de uma crise, este anseio pode se fazer sentir como uma insatisfação divina que arranca a pessoa das preocupações mundanas do cotidiano, impelindo-a a empreender a jornada interior da realização do self.



Svadhithana - Quando a atenção se volta para a compreensão de processos psicológicos inconscientes, atingimos o domínio do segundo chacra ou *svadhithana*, que se localiza na região dos órgãos sexuais. Associado à sexualidade ou à expansão da vida, é representado

pelo elemento água e pode ser descrito como a "consciência do você e eu", já que as relações humanas adquirem maior valor que as posses materiais. Neste nível, a motivação é sobretudo o desejo de aprovação e amor – do pai, da mãe, do amante, do professor etc. É um desejo de amor com fortes elementos de medo, já que a perda do amor é equiparada à perda da vida. A ética é mantida para garantir a sobrevivência e a aceitação social ou para evitar a rejeição por parte do objeto amado, que é ao mesmo tempo temido e odiado. A auto-estima depende da aprovação externa, dos outros, e esta dependência cria um profundo ressentimento.

O êxito nas relações é um objetivo predominante. São típicos o interesse compulsivo por novas conquistas sexuais ou sua contrapartida: a preocupação com o que os outros possam pensar. A identidade agora requer um investimento nas relações humanas que pode somar-se ao investimento pelas posses materiais ou substituí-lo. Um exemplo de pessoas que permanecem neste nível são certas mulheres que percebem a própria identidade só em termos de parentesco, enquanto filhas, esposas ou mães de alguém.

Do ponto de vista do desenvolvimento, trata-se de um nível associado à aprendizagem de um comportamento socialmente aceitável e da moral convencional. No que diz respeito à maturidade emocional, está ligado à habilidade de estabelecer relações estáveis e satisfatórias. A integração sadia

neste nível recebe uma boa dose de atenção da psicologia ocidental. Dentro de um sistema espiritual, no entanto, pode considerar-se um desvio de aspirações e de finalidades mais elevadas. De uma perspectiva psicológica, este é um ponto delicado quando se leva em conta que supressões ou evasões podem resultar em distúrbios emocionais.

Neste nível de consciência, sexo e espiritualidade são considerados diferentes e muitas vezes vivenciados como opostos conflitantes. Envolver-se ou imergir intensamente em um desses parâmetros tende a implicar a repressão do outro. A psicanálise, por exemplo, enfatiza a importância de tornar conscientes os impulsos sexuais para se obter saúde psicológica. Em consequência, reprime a espiritualidade, interpretando o desejo de união mística como regressivo – como o desejo infantil de se unir à mãe. Por outro lado, as disciplinas espirituais, que enfatizam a importância de se elevar a consciência a altos níveis, com frequência reprimem a sexualidade.

Simbolicamente, os perigos deste nível são representados por uma serpente marinha, o monstro das profundezas do inconsciente que pode nos devorar. Em muitas culturas, a passagem pelas profundezas deste mundo está presente no simbolismo do batismo e do renascimento. Os rituais de iniciação descrevem essa transição como o despertar de uma nova consciência. A liberdade pessoal neste nível pode ser obtida matando o dragão das coações sociais ou familiares e libertando a energia sexual.

Somente tornando-se consciente e encarando os demônios temidos, o indivíduo pode superar os perigos deste nível e atingir o nível seguinte de consciência.



Manipura - O terceiro chacra ou *manipura*, "a plenitude das jóias", representado pelo elemento fogo, é associado ao poder, à vontade, à intencionalidade. Localiza-se no plexo solar ou centro superior do abdome, abaixo do diafragma. A figura do carneiro simboliza a habilidade de escalar os picos mais elevados. A imagem do sol (que aqui não está representada) aparece como símbolo do ego solar. O iniciado que passou pelo batismo no nível do segundo chacra, agora entrará em contato com o sol, com a luz eterna, identificando-se com Deus, como parte do eterno com sua alma imortal. No cristianismo, o batismo simboliza o renascimento no espírito, no Cristo. No simbolismo religioso do Antigo Egito, a jornada pelos mundos inferiores antecede a viagem através dos céus com Ra, o deus do sol. Jung vê no terceiro chacra a grande riqueza do sol e do poder divino simbolicamente alcançada pelo batismo.

A interpretação psicológica

que Jung fez desta passagem sugere que sonhar com o batismo ou que se entra na água (símbolo do segundo chacra), significa penetrar no inconsciente com a finalidade de purificação e renovação. A seguir, pode haver uma conexão com o *manipura* como fonte de energia. Iniciada a jornada interior e entrando em contato com as forças inconscientes, o indivíduo pode libertar-se das paixões emocionais. Quando a expressão começa a ser liberada e se reconhece a plenitude de nossa natureza emocional desinibida, são comuns o receio de que os desejos se tornem descontrolados e o medo do sexo e do poder. O desencadear da tempestade de paixões emocionais é vivenciado literalmente como fogo: queimamos de desejo ou raiva. Este nível pode ser doloroso e pleno de conflitos, mas é igualmente uma fonte de energia. E quando esta energia emocional é dominada, a pessoa sente-se poderosa no mundo.

Se permanecermos neste chacra, no entanto, estaremos presos ao sofrimento, ainda governados pelas emoções e impulsionados pela ambição e pelo desejo. A repressão terá sido suspensa e a energia liberada; os conflitos, porém, continuarão, manifestando-se quer como impulsividade, quer como compulsão.

O poder pessoal, neste nível, pode ser procurado pela satisfação de dominar, pelo temor de ser dominado ou por sentimentos de inadequação. Mas sempre estará presente um elemento de medo ao lado do desejo de controlar, de que as coisas fiquem do jeito que

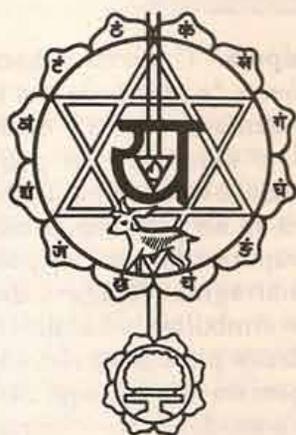
nós as desejamos. Neste nível, a pessoa provavelmente se obstinará em suas opiniões e, numa atitude egocêntrica, sempre quererá estar com a razão. Os conflitos surgirão quando os outros não concordarem com seu ponto de vista, pois se sentirá ameaçada por opiniões divergentes.

Neste chacra predomina a "consciência de nós todos", característica de quem quer garantir apoio para uma posição ou ideologia particulares. Estas pessoas são boas administradoras, tendem a dar alto valor à lógica e ao raciocínio e a fazer as coisas fluírem suavemente. A motivação está atrelada sobretudo à realização e a auto-estima se baseia mais no acervo de símbolos de status (honorarias, títulos, posições de mando em organizações, por exemplo) do que na aquisição de posses pessoais e em conquistas sexuais.

Este é um degrau em que o ego heróico lutou com as forças inconscientes e venceu a batalha da independência. É um estágio de triunfo sobre a natureza e sobre as forças instintivas: na sociedade, engendra as leis e a ordem, e valores patriarcais como a lógica, a razão, a compreensão conceitual. Mas se os dois níveis anteriores, em vez de serem integrados, forem suprimidos, podem surgir problemas e distorções: a continuidade do desenvolvimento sadio depende da integração de todos os níveis.

Quando os propósitos egóicos e os impulsos de poder não continuam sendo uma compulsão, o self se diferencia e transcende o self egóico que tem a aniquilação.

O ápice do desenvolvimento egóico não vai além do nível do terceiro chacra. Atualmente, existem poucos roteiros psicológicos que encorajam a transcendência do ego, partindo da integração bem-sucedida do primeiro, segundo e terceiro níveis. Então, quando começam a alvorecer na consciência os valores do quarto chacra, fica mais fácil abdicar do controle egocêntrico.



Anahata - Acima do diafragma, na região do coração, situa-se o quarto chacra, *anahata*, simbolizado pelo elemento ar. Em termos junguianos, representa a descoberta de algo impessoal após a passagem pelo fogo da paixão associada ao terceiro chacra e a libertação da luta entre a emoção irrefreada e a força de vontade.

Simbolicamente, o diafragma corresponde à superfície da terra. Em *anahata* somos erguidos

acima dela. A abertura deste chacra pode ser vivenciada simbolicamente, nos sonhos, por exemplo, como uma passagem pelo fogo. Tal qual o sol, o fogo tanto pode ser criativo como destruidor. A paz e a quietude internas vivenciadas depois de uma tempestade emocional nos dão uma amostra do sabor que tem a paz de espírito alcançada quando a consciência se desloca da identificação com a paixão para emoções mais sutis – amor, compaixão – associadas ao centro cardíaco. Neste nível, tornamo-nos conscientes das energias sutis do espírito, simbolizadas pelo vento ou a respiração.

Psicologicamente, somos içados acima dos conflitos tempestuosos do emocional associados ao terceiro chacra. Começamos a refletir sobre a natureza do desejo, a futilidade da competição e da busca interminável de prazer e de poder, que invariavelmente acarretam sofrimento. Neste ponto, a cooperação terá mais valor que a competição. Pela primeira vez, somos capazes de vivenciar a natureza divina do self, diferenciado do ego heróico que empreendeu a viagem através dos três primeiros chacras.

Esta é a consciência centáurica, em que a inteireza é percebida como integração do corpo e da mente: em *The Atman Project: A Transpersonal View of Human Development*, Ken Wilber sugere que a imagem do centauro representa a unidade mente-corpo, em contraposição à imagem do cavaleiro ou herói predominantemente humano montando um cavalo. Aqui, o

Para completar o processo de integração corpo-mente devemos aceitar a morte do ego

cavalo representa a vitalidade dos instintos, das emoções e do sexo. Quando essa integração se completou com êxito, identificamo-nos com o organismo como um *todo*, existindo em relação com outros *todos*. Este nível de desenvolvimento corresponde a perspectivas psicológicas existenciais-humanistas que enfatizam a unidade corpo-emoções-mente. Com frequência, a psicologia neste nível é denominada holística, apesar de não incluir os níveis transpessoais do quinto, sexto e sétimo chacras.

Para completar o processo de integração corpo-mente temos de morrer para as identificações anteriores – precisamos aceitar a morte do ego. A perspectiva pode ser assustadora, uma vez que, até então, nos identificamos exclusivamente com conceitos do self egóico. E uma vez que todos os estados de não-ego têm sido classificados como patológicos, isso desencorajou qualquer desenvolvimento psicológico além do ego.

A função do ego termina neste ponto da escada dos níveis de consciência. Ele serviu a seu propósito de fazer a evolução avançar até este ponto. Mas, para continuar, o self precisa se diferenciar e desidentificar do ego, transcendê-lo e integrar-se em níveis de consciência mais elevados e complexos. O ego permanece intacto, tal como o corpo se mantém intacto quando a identidade, que na infância estava centrada exclusivamente no corpo, uma vez dominada a linguagem se destaca dele e passa a concentrar-se na mente egóica verbal. Satisfatoriamente transcendido, o ego não desaparece, mas o self deixa de identificar-se apenas com ele.

O arco interior do desenvolvimento humano pode iniciar-se no nível do chacra cardíaco quando a paixão, adequadamente guiada pela razão, é transformada em valores mais elevados. Tanto Wilber como Jung salientam que a percepção de níveis além deste ponto é rara na sociedade atual. No arco interior, o self transpessoal desperta para descobrir sua natureza búdica, a consciência crística ou o *Átman*. Neste ponto, objetivos e realizações pessoais, mundanos ou espirituais, podem ser suplantados por uma entrega voluntária à sabedoria divina. Ao intuir-se a unicidade de todos os seres, os valores se deslocam na direção da compaixão, da cooperação e dos serviços altruístas.

Nas relações pessoais, a satisfação individual torna-se menos importante que a família, a comunidade ou a humanidade como um todo. Não mais procuramos o amor pela gratificação pessoal: agora o ofertamos, nascido da gratidão despertada pela plenitude de uma fonte interior. Indivíduos neste nível serão provavelmente sensíveis às necessidades humanas mais sutis e propensos a ser eficientes sacerdotes, professores ou curadores.

O coração representa sentimentos elevados. Dizemos que alguém "não tem coração" quando carece de sentimentos. Chegar ao coração de uma coisa é percebê-la em sua importância fundamental. Algumas tradições aconselham que se escolha o caminho com o coração. A importância dos sentimentos torna-se

evidente quando os valores emocionais são reconhecidos como forças que impulsionam a vida. No centro cardíaco, de acordo com Jung, reconhecemos o poder e a substancialidade do mundo físico. Na ioga tântrica, é neste centro que o *purusa* ou essência divina se torna visível. Esta é a primeira insinuação de um ser, dentro de nós, diferente daquilo que pensamos que somos. Representa a consciência compartilhada que transcende a individualidade e tem uma existência inteiramente psíquica. No misticismo tibetano, o centro cardíaco é o órgão da mente intuitiva e da compaixão que tudo abarca.

Um dos poderes atribuídos à abertura do quarto chacra é a invisibilidade. Isso significa que devemos renunciar ao desejo de ser notados, de ser o centro das atenções. Swami Radha, mestre ocidental de ioga *kundalini*, afirma que a preocupação com os outros nos torna invisíveis. Outro poder é a capacidade de entrar no corpo de outra pessoa. Em termos psicológicos, poderia significar a aptidão para tomar o lugar do outro, para a empatia. O treinamento para tornar-se um terapeuta ou um curador eficiente requer o desenvolvimento destes poderes. Um terapeuta deve estar disposto a dar a seu cliente toda a atenção enquanto permanece relativamente invisível. Deve estar presente "como a abertura ou a clareira através da qual o Absoluto pode se manifestar", diz Wilber. E também deve ser capaz de entrar por inteiro na experiência do cliente, de conhecê-lo internamente.

O processo de transformação que abre os chacras torna a percepção mais sutil



Um bom terapeuta aprende a viver o mundo do outro como se fosse o seu próprio.

O movimento de consciência e energia que abre os chacras é um processo de transformação em que a percepção se torna mais sutil à medida que atinge níveis mais elevados. O processo é representado pelos elementos que se movem da terra para a água, para o fogo e para o ar nos primeiros quatro chacras, e para o éter, simbolizando a percepção sutil e intangível, no quinto chacra.

A idéia da transformação dos elementos, dos mais densos aos mais sutis, é um dos constituintes mais antigos da filosofia hindu, também encontrado na alquimia medieval. Entre o terceiro e o quarto chacras, nas palavras de Jung, atravessamos o limiar entre as coisas visíveis e tangíveis e as coisas invisíveis e intangíveis. O ar e o éter, o sentir e o pensar tornam-se focos da atenção. Em muitas culturas, a alma ou psique é identificada com o sopro da vida. O sopro é associado à inspiração. E a inspiração para a criatividade provém da integração, não da separação, de coração e mente.

Visuddha - Localizado na área da garganta, o quinto chacra está associado ao som. Sua abertura enfatiza o escutar. O treinamento neste nível significa aprender a escutar, internamente a si mesmo e externamente aos outros. Para poder escutar é necessário aprender a silenciar. Tanto a conversa externa como a tagarelice interior têm de ser controladas – uma arte que pode ser vantajosa para a cura em qualquer nível e para qualquer situação de vida. A psicoterapia, que costuma ser chamada "a cura pela conversa", deveria ser denominada, com mais propriedade, "a cura pela escuta". Como comentou um jovem: "Meu terapeuta fala pouco, mas quando ele escuta eu aprendo muito".

A capacidade de escutar e de manter silêncio são necessárias à comunicação eficaz em todos os níveis. Em nossa época, que tanto enfatiza a comunicação, pode ser especialmente relevante desenvolver as habilidades associadas ao quinto chacra. Se aspiramos a compreensão e clareza na comunicação, devemos primeiro aprender a escutar, livres de distrações internas ou externas. Assim escutaremos, mais distintas, as mensagens do self, sejam elas audíveis ou inaudíveis.

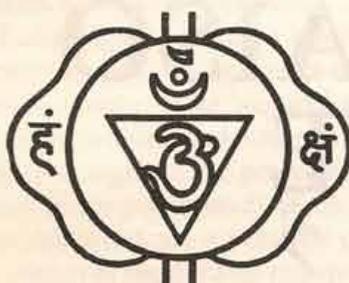
O comentário de Jung sobre a ioga *kundalini* não proporciona uma interpretação psicológica além do quarto chacra. Ele salienta, entretanto, que o quinto chacra, *visuddha*, sutil, transparente, poderoso, é o centro etéreo e sugere que o éter, substância que se acreditava mais volátil que o ar, penetra por toda parte mas não pode ser encontrado em

parte alguma e não é matéria, mas conceito. Aqui, além dos quatro elementos, atingimos um nível de abstração literalmente etéreo, acima da esfera empírica, a esfera mental da experiência humana. O elemento éter também pode ser considerado *prana*, termo hindu que significa "força vital" ou, na linguagem psicológica popular, energia. Seja como for, no nível do quinto chacra entramos num universo de realidade psíquica.

O elefante reaparece neste nível, agora branco, representando uma orientação espiritual na vida comum, e menor, indicando a superação de impulsos inconscientes e instintivos. Do controle da mente e das emoções resulta a paz da mente. Vemos o passado, o presente e o futuro à luz do perdão, livres de cobiça, malevolência e vaidade.

Segundo Jung, à medida que a humanidade se convence do valor das coisas psíquicas, começa a reconhecer o quinto chacra. Ele afirmava que a experiência nos ensina a acreditar na realidade psíquica e que todos os grandes movimentos da história podem ser compreendidos como ocorridos por razões psíquicas. Ele via, no entanto, a desconfiança geral em relação às realidades psíquicas como evidência de que a humanidade, como um todo, ainda não alcançara o nível do quinto chacra.

Neste nível, a realidade material é percebida como um mundo de aparências e ilusões, enquanto idéias e valores abstratos se tornam palpáveis e reais como fontes da experiência. O self que tudo engloba



é percebido como a realidade última. Conceitos e pensamentos são vistos com realidade substantiva e efeitos de longo alcance. O conceito, no entanto, aqui é potente como expressão de experiência e não como um construto intelectual abstrato: só é possível alcançar este ponto pela experiência, não pela dedução lógica, a especulação ou a fé cega.

Ao que parece, este nível é a fase crítica que a evolução humana atravessa atualmente. Embora sempre tenham existido indivíduos que atingiram níveis mais elevados de consciência, hoje, um número crescente de pessoas reconhece a possibilidade e a necessidade de fazer avançar o crescimento psicológico até aqui. Perceber o poder criativo da consciência associado ao quinto chakra significa assumir a responsabilidade, tanto pelos próprios pensamentos quanto pelas próprias ações. Todo pensamento pode ser percebido como criador de forma em algum nível. Nas palavras do Buda:

"Somos o que pensamos.

Tudo o que somos nasce com nossos pensamentos.

Com nossos pensamentos construímos o mundo."

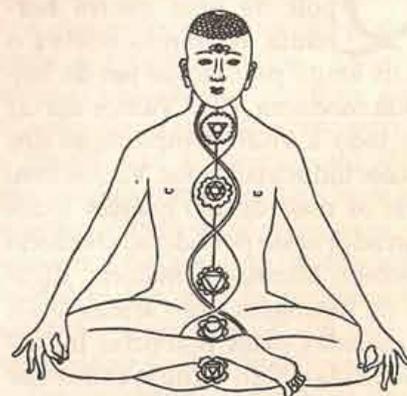
Ajna - O sexto chakra, situado na região do "terceiro olho", pouco acima e entre as sobrancelhas, representa a região da percepção ideal. Aqui, o Deus adormecido nos chakras inferiores está plenamente desperto: é o local de união com a deidade, onde conhecemos o self como psique. A abertura deste chakra está associada ao desenvolvimento de poderes psíquicos, proporcionando experiência direta do não-ego, do self, em unidade com toda a criação.

As duas pétalas de lótus simbolizam o funcionamento dual da mente em níveis manifestos e não-manifestos da realidade. No Ocidente, o ouvido, (associado ao quinto chakra) é considerado o mais sutil dos cinco sentidos. No pensamento oriental, a mente é vista como o sexto sentido, aquele que percebe a verdade diretamente pela intuição. Um ponto dourado, representando a essência da energia, simboliza o desapego ao corpo, seja do homem ou da mulher. Neste nível, a mente é mais sutil; dádivas espirituais são outorgadas à medida que ela desperta. A experiência pessoal dispersa os medos e o controle da imaginação propicia a descoberta de que todas as experiências são criações da mente. Ao meditar neste nível, todas as cores, luzes e imagens desaparecem, a mente repousa na luz branca do vazio. Abre-se a porta para o sétimo chakra.

Sahasrara - Ao nível do *sahasrara*, o sétimo chakra, situado no alto da cabeça, o sentido do self desaparece por completo. É a esfera do Espírito Absoluto, a região da

não-dualidade, onde são transcendidas todas as diferenças e deixamos de existir como uma entidade à parte.

Este nível permanece como um conceito filosófico além da experiência, até que se atinja a iluminação; então, todos os níveis são vistos como manifestações deste. Ou seja, tal estado máximo de consciência não é algo à parte de outros estados, mas intrinsecamente presente em todos eles. Não suprime o estado desperto, mas se expressa através dele: à medida que a consciência evolui e o estado desperto é refinado e desenvolvido, torna-se expressão desta consciência. ▲



Traduzido e adaptado por Verônica Rapp de Eston

Frances Vaughan, PH.D., é psicoterapeuta de formação transpessoal, ex-presidente da *Associação para a Psicologia Transpessoal* e autora de quatro livros e numerosos artigos sobre o tema. Este artigo baseia-se no capítulo "Planejando o Caminho Espiritual", de seu livro *The Inward Arc - Healing & Wholeness in Psychotherapy and Spirituality* - Shambala, Boston e Londres, 1985.

UM NOVO PARAÍSO OU A MORTE UNIVERSAL?

O pensamento moderno aponta para um Estado Planetário de soberania cultural e outras soberanias onde, revertida a dívida do Terceiro Mundo, os exércitos defendam o meio ambiente e demais direitos humanos.

UBIRATAN D'AMBROSIO

Quase cinquenta anos depois de uma guerra horrenda, o mundo celebra o mais longo período de paz da história moderna. Paz? Vamos deixar de lado a visão complacente dos países industrializados. Vamos lembrar as mais de 150 guerras locais travadas nesse período no chamado Terceiro Mundo. A maioria, digase de passagem, com armas letais fornecidas pelas potências industrializadas. Não vamos esquecer que países foram praticamente destruídos nem que grandes potências invadiram várias vezes pequenos países independentes em nome do "interesse nacional".

Como se explicam esses campos de batalha no Terceiro Mundo num período de paz? Onde foi que tudo começou?

Pode-se dizer que tudo começou na viagem de Colombo e descoberta da América – apresentadas como o início de uma missão *civilizatória* pelas potências européias

envolvidas. Primeiro Portugal e Espanha, apoiados pela igreja católica. Em seguida, Holanda, Inglaterra e França com suas respectivas igrejas protestantes. Aqui, vale ressaltar o significado da palavra *civilizatória*, segundo o dicionário Websters: "Um estado ideal da cultura humana caracterizado pela ausência total de barbárie e comportamento irracional, utilização ótima dos recursos físicos, culturais, espirituais e humanos, além de um ajuste perfeito do indivíduo dentro da estrutura social". A conquista abriu caminho ao colonialismo, justificado como ação política da tal missão *civilizatória*, segundo conceitos de propriedade, produção, valores institucionais e religião estabelecidos desde o século XVI.

Sabemos perfeitamente como, no processo de conquista, o comportamento social e político pré-existent, junto com o uso eficiente dos recursos naturais, foram invariavelmente destruídos

e substituídos. A "missão *civilizatória*" ocidental resultou em um modelo de sociedade dominada pela ciência e a tecnologia e em sua conseqüente ordem econômica, social e política. Uma sociedade em que os modos de produção, a divisão de trabalho, os conceitos de propriedade e riqueza estão intimamente ligados à filosofia que guiou e justificou o processo de conquista e colonização.

Nesse processo, novos deuses, línguas, modos de pensamento, de trabalho, de propriedade, de saúde etc. foram impostos por todo o globo. Daí surgiram conceitos como "nativos", "Índios", "povos primitivos", idéias de "civilizado" e "selvagem". E, mais recentemente, de minorias e de progresso, de nações periféricas e centrais, de desenvolvimento e, não menos importante, de Terceiro Mundo. Tanto no Velho quanto no Novo Mundo, a ciência e os valores associados ao pensamento científico e racional foram usados

para justificar a exploração do homem pelo homem na construção de estados agrícolas e industriais – e para prover os meios de garantir-lhes segurança. O próprio conceito de segurança foi racionalizado e justificado por conceitos como soberania e interesse nacional.

Tudo isso nos convida a considerar o conceito de segurança num sentido amplo. Estar "seguro" não significa necessariamente estar ligado ao esquema de proteção de algum bloco poderoso do ponto de vista militar, o que no caso de países menores significaria renunciar ao orgulho e à dignidade nacionais. Mesmo porque essa solução, mais cedo ou mais tarde acaba sendo rejeitada pelo povo e dá lugar a intranquilidade social e guerras civis, como ficou demonstrado pela ruptura do bloco soviético. Assim se explica a interminável seqüência de guerras civis nos países menos desenvolvidos, em países que se recusaram a submeter-se a outro país ou mesmo a um bloco. O próximo passo nessa escalada de conflitos poderia ser uma guerra externa.

Como surgiu o FMI - Pensar em termos militares não basta na busca de uma ordem social mais segura e feliz. Segurança é um conjunto de medidas, normas e leis que impedem que cada indivíduo e a sociedade sejam violados em seus direitos morais, culturais, sociais, econômicos e políticos. Segurança implica em uma paz pluridimensional: paz militar, paz social, paz ambiental e paz interna. Hoje, essas quatro dimensões da paz, ao alcance das nações mais desenvolvidas e prósperas, podem ser ampliadas para todo o mundo, superando as diferenças Norte-Sul, Oriente-Occidente, Primeiro, Segundo, Terceiro e outros Mundos ou quaisquer outros dos eufemismos que acobertam uma situação de iniquidades e exploração do homem pelo homem.

Para eliminar esses abomináveis eufemismos é essencial conceber um mundo com dignidade para todos. Em uma nova era da espécie humana em comunidade, não pode haver lugar para "Terceiro Mundo" ou outros eufemismos que designam os marginalizados ou excluídos. Temos que encarar com clareza algumas diferenças básicas entre o chamado Terceiro Mundo e os países industrializados.

Governos do Terceiro Mundo têm atacado uma série de problemas que não levam a nada. Foram introduzidos como problemas pelos países dominantes, mas na verdade não têm peso real em seu próprio conjunto de prioridades. O intuito é desviar o foco dos verdadeiros problemas e manter as coisas do jeito que estão. Para o Terceiro Mundo, isso significa ficar em sua posição de perdedor: conquistado, colonizado, independente-sob-dependência (amarrado aos ex-colonizadores por tratados de segurança e defesa e vínculos institucionais), parceiro não confiável, devedor. E, hoje, até responsabilizado pela poluição do ar e da água, pela destruição de recursos naturais e pela produção de drogas.

Para compreender melhor esse panorama, convém lembrar alguns aspectos relativos à dívida e à inflação.

Desde a Primeira Guerra Mundial, as nações industrializadas criaram mecanismos destinados à formação de reservas, sobretudo no sentido de obter e ampliar o crédito, mas com influência apenas marginal na soberania dos estados, vencedores e vencidos. Assim surgiu o Fundo Monetário Internacional, em 1944.

Não é segredo que, aplicada aos países do Terceiro Mundo, a política decorrente dessas medidas tenha sido responsável pela imposição de um regime artificial e perverso a uma economia então nos



A dupla presença:
o animal no homem e o homem como animal.
Entalhe da cultura maia-asteca, Bella Coala.

estágios iniciais de formação de recursos e ainda às voltas com as conseqüências da Segunda Guerra.

Tanto a antigas colônias quanto a nações "independentes" coube, em princípio, a mesma possibilidade de conquistar autonomia política e econômica. Mas todos sabemos que o mesmo remédio aplicado a diferentes doenças não pode produzir resultados iguais. Os resultados esperados – controle da inflação, aceleração do crescimento econômico, favorecimento de uma balança comercial mais justa e geração de bem-estar entre as populações – fracassaram em termos absolutos. Em vez do propalado benefício, assistimos a um alarmante fluxo do já reduzido capital do Terceiro Mundo para as nações industrializadas. Um recente estudo da ONU revela um fluxo médio de 25 bilhões de dólares anuais da América Latina e do Caribe para os países industrializados. Os resultados, de fato, foram empobrecimento, declínio da emergente produção doméstica e interferência na estrutura social e política dessas nações. Exatamente o oposto do que ocorreu nas nações industrializadas. Ali sim, o FMI atuou como mecanismo para manter o equilíbrio.

No que diz respeito à inflação, um fato alarmante é que nas regiões mais pobres, os que não têm dinheiro, e portanto só são afetados marginalmente, são sempre afetados pela recessão, consequência invariável das medidas anti-inflacionárias.

A inflação e a dívida - Ao examinar as causas da inflação, torna-se claro que ela tem muito mais a ver com o custo de produção que com a legislação econômica. Nos países em desenvolvimento, é impossível operar calculando custos à maneira tradicional: matéria prima, custo de produção e comercialização, impostos etc.: nos produtos e serviços modernos, há o custo implícito da ineficiência. A inflação resulta da ineficiência, que necessariamente tem que entrar como um componente nos cálculos. É muito difícil operar os modernos sistemas ocidentais com treinamento e equipamento obsoletos. Quase toda atividade que pode ser realizada por um único indivíduo em países desenvolvidos exige cinco nos países em desenvolvimento (em bancos, administração, limpeza, transporte, produção industrial etc. etc.)

E mais. Admitindo que alcançar mais altos padrões de eficiência custará um alto preço cultural, a questão então é: quanto o mundo todo está disposto a pagar, em termos de ameaça de extinção das formas culturais, para chegar a um nível razoável de inflação?

Não é possível responder a esta pergunta sem levar em conta o fato importantíssimo de que, *assim como a biodiversidade é essencial para a preservação da vida no planeta, a diversidade cultural é necessária para a preservação da criatividade da humanidade*. Um grande desafio à diversidade cultural é o fundamentalismo, e não apenas religioso. O fundamentalismo cultural é o problema. Ele traz consigo intolerância, arrogância e outros obstáculos para o

progresso da humanidade. Esse comportamento, contrário à natureza e à vida, nos levou a favorecer um único modelo de desenvolvimento, ignorando a diversidade cultural e todas as complexidades culturais, econômicas, espirituais e sociais que constituem a essência da espécie humana.

Uma proposta conciliatória prevê inflação - e câmbio e moedas múltiplas. Só que como componentes intrínsecos de um novo sistema econômico, e não como patologias.

É O POVO QUE GERA OS RECURSOS PARA PAGAR A DÍVIDA EXTERNA

Considerações semelhantes aplicam-se à questão da dívida, tanto interna quanto externa. É uma verdade internacionalmente conhecida que os recursos para pagar a dívida são gerados pela população e podem causar-lhe dificuldades intoleráveis. E estas, mesmo sob os mais estáveis regimes democráticos, envolvem um ônus político enorme. Assim se explica que países como os Estados Unidos evitem enfrentar o problema da dívida em nome do interesse político do partido no poder. Por outro lado, em regimes democráticos menos estáveis a dívida abre caminho às ditaduras. Em certo sentido, é por isso que ditaduras militares recebem tanto apoio de banqueiros internacionais.

Uma economia capaz de *reduzir a pobreza, preservar o meio ambiente e promover o desenvolvimento* requer proteção às florestas e mananciais. Isso exige maior eficiência no uso da energia, evitando a poluição, reduzindo e eliminando a pobreza. Este é o único caminho seguro para a necessária estabilização populacional. E só pode ser alcançado pela cooperação internacional centrada no desenvolvimento da capacidade científica e tecnológica e na promoção do comércio e do investimento. Além de exigir consideráveis recursos financeiros, dependerá de um novo modo de pensar nas negociações com o FMI e o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio).

União x ganância - Não há outro modo de interpretar o atual peso da dívida senão como um tributo dos subdesenvolvidos, semelhante aos tributos impostos na Idade Média e aos tributos coloniais. Mesmo rotulado de dívida, continua tão contraditório quanto imoral. As discussões têm que ir fundo, retroceder na história e analisar a participação do Terceiro Mundo na formação da economia do mundo desenvolvido. Isso pode muito bem apontar para a única situação moralmente sustentável: a reversão da dívida.

Caso contrário, as contradições de uma economia orientada pela dívida levarão os países desenvolvidos ao papel de coletores de impostos. O tradicional conceito de soberania será facilmente violado em nome da proteção dos interesses das economias desenvolvidas. Como no caso da Guerra do Golfo, movida pela necessidade de energia barata. Os países desenvolvidos, através do esquema corrupto de participação simbólica dos países menos desenvolvidos, tentarão exercer o papel de guardiães e polícia do universo!

O pensamento moderno necessário para enfrentar os problemas globais contradiz a abordagem

tradicional dos conflitos, baseada no confronto armado e na força militar e conseqüentes formas de falso nacionalismo. Do ponto de vista ecológico, a idéia de soberania territorial é obsoleta. A única possibilidade de sobrevivência da civilização em nosso planeta é uma nova ordem mundial em que a soberania territorial seja abolida em favor de um Estado Planetário, da soberania cultural e outras formas de soberania. A proteção à soberania cultural resulta do fortalecimento dos vínculos familiares, comunitários e tradicionais. Não há mais espaço para exércitos que pretendem defender os chamados interesses nacionais. Os exércitos não devem ser mais que forças sob um comando planetário unificado, como as Nações Unidas, organizado para reagir contra possíveis ações contra esse novo conceito de soberania e como Forças de Proteção ao Meio Ambiente e outras violações dos direitos humanos e sociais.

Obviamente, essa nova ordem não terá início sem que as nações mais poderosas tomem a iniciativa. Ou o mundo une seus esforços nesse sentido, ou as guerras pela soberania marcarão o futuro próximo, exatamente como marcaram o surgimento do colonialismo há cerca de 500 anos, em nome da "missão civilizatória" do Ocidente.

Constatamos hoje múltiplas propostas, de natureza variada, todas visando a justiça social num mundo de paz. Por toda parte há pessoas interessadas em uma nova ordem pela sobrevivência. Cresce cada vez mais a compreensão de que temos que nos unir para nos opor aos interesses gananciosos que prevalecem nos países desenvolvidos e industrializados – e também em alguns setores do Terceiro Mundo.

Essa união implica em um novo apelo moral. Em primeiro lugar, numa sociedade mundial

ética, como admitir um Terceiro Mundo? Há uma absoluta incoerência entre a idéia de um Terceiro Mundo e a luta pela paz e a sobrevivência da humanidade. Ou sobrevivemos como um único mundo ou não há esperança. É eticamente inaceitável que 80% da população mundial vivam em condições de marginalidade política, social, econômica, cultural e emocional. Supondo que os outros 20% da população mantenham sua humanidade, não terão estrutura emocional para suportar isso; a crueldade de algumas medidas econômicas

OU O MUNDO UNE SUAS FORÇAS OU AS GUERRAS PELA SOBERANIA MARCARÃO O FUTURO

exigidas para saldar a dívida seria inaceitável para as forças liberais dessas sociedades. Seria necessária uma rigorosa censura da imprensa para ocultar as misérias de 80% da população dos outros 20% e evitar que a fome, as doenças, a repressão social que resultam das economias orientadas pela problemática da dívida fossem mostradas nas sociedades afluentes. Ou então, deveríamos supor que elas fossem capazes de assistir passivamente a tudo. Nesse caso, não valeria a pena viver em tal mundo, nem tentar preservar sua civilização.

Assim como as sociedades afluentes não aceitarão a censura nem aceitarão perder a humanidade,

o Terceiro Mundo não aceitará para sempre essa condição. O caminho para a paz e a sobrevivência da humanidade em um mundo com dignidade depende de nossa imaginação, criatividade e vontade – em uníssono.

Novos paradigmas surgem no cenário de um futuro melhor, permeado de humanidade. Frios paradigmas científicos, com sua essência reducionista baseada em relações simplistas de causa-efeito e em um ideal irreal de linearidade, refletiram-se na formação de uma ordem econômica, científica e administrativa baseada em princípios hierárquicos e suportada pela estratificação do conhecimento em compartimentos disciplinares.

Tecnologia x cidadania - Uma abordagem da ciência que possa levar em consideração as dimensões sócio-culturais, emocionais e práticas é a possibilidade que temos diante de nós. Com um novo pensamento sócio-político-econômico, terá que surgir uma visão holística da geração, aquisição, transmissão, institucionalização e difusão do conhecimento, além de uma visão global do planeta.

O desafio que hoje enfrentamos é restabelecer o equilíbrio e buscar novas dimensões onde a característica de nossa espécie – que é a transcendência – possa ser localizada. Em nossa espécie, há ações inteligentes visando a sobrevivência e transcendência e levando à formação do conhecimento. Nesses processos podemos notar vários paradoxos, como os que discutimos até aqui no contexto da paz. Vejamos outros aspectos paradoxais em nosso comportamento.

Hoje, desvendados os segredos da evolução de nossa espécie e próximos do reconhecimento de uma herança genética e cultural comum, ao mesmo tempo testemunhamos um crescente malentendido e tensão

entre indivíduos e grupos sociais, entre povos e nações. Cada um teme seus semelhantes, grupos sociais sentem-se ameaçados por outros grupos, a defesa torna-se preocupação básica das nações, a ponto de levar à criação de mecanismos de controle e vigilância que violam a dignidade dos indivíduos, abrindo a possibilidade de matança, genocídio e mesmo destruição mútua.

O conhecimento científico desenvolveu-se e continua a se desenvolver, revelando os mecanismos do universo e permitindo-se observar os mais elementares componentes da matéria, tocando e configurando a evolução das formas vivas. Porém, esse mesmo conhecimento científico tenta nos convencer de que estamos próximos do conhecimento absoluto, alcançando tal grau de suposta precisão e autoconfiança que a busca e a pesquisa são substituídas pela arrogância e pela certeza.

A maior parte das deformidades na longa busca do conhecimento resultou da segregação entre ciência e tradição. Algo como uma *neurosis philosophica* tenta identificar e enfatizar contradições entre conhecimento tradicional e conhecimento científico. O atributo "racional" fica reservado à ciência. A responsabilidade ética foi "racionalizada", colocada em códigos normativos ou reservada (mas em sentido pejorativo) ao domínio dos valores tradicionais.

A missão civilizatória ocidental, como observamos, resultou em um modelo de sociedade dominada pela ciência e a tecnologia e conseqüentes ordens econômica, social e política. Em paralelo, a tecnologia chegou a ser manifestação cotidiana essencial do assim chamado modo científico e racional de pensamento, suprema entre as atividades que caracterizam o mundo moderno e a principal entre os modos de produção que sustentam o atual estilo de vida.

Nenhum sistema de produção pode funcionar sem tecnologia em todos os níveis. Mas tampouco dá para pensar em uma filosofia moderna que não trate da tecnologia. A tecnologia requer uma reflexão que deveria ser incorporada ao ensino de todos os níveis. A tecnologia na educação deveria ser abordada através de um ponto de vista histórico e crítico e não apenas ensinada como preparação para um emprego. Os indivíduos deveriam ser preparados para mudar e procurar trabalhos que os satisfaçam e estimulem sua criatividade. A formação tecnológica efetiva deveria capacitar o indivíduo para o exercício da plena cidadania e de todos os direitos e deveres associados à cidadania, de maneira crítica e consciente. Os estudos de tecnologia devem preparar o indivíduo para que não seja manipulado e confundido por instrumentos, equipamentos e mistificações. A mistificação tornou-se uma possibilidade real com o desenvolvimento da alta tecnologia moderna, e vai contra a dignidade e a liberdade do homem.

A ética do respeito - Em suma, com base no reconhecimento e respeito pela pluralidade de modelos, culturas, espiritualidades e diversidades sócio-econômicas, teremos de realizar mudanças radicais em nossos modelos de desenvolvimento, educação e civilização. Felizmente, os instrumentos para chegar a esse modelo complexo e sofisticado nos são fornecidos pela própria ciência. Ao lado dos paradoxos dos avanços científicos, temos de reconhecer as incríveis possibilidades abertas pelos avanços da informática.

A essência da construção de uma nova sociedade e de uma humanidade em harmonia global requer uma nova ética. Uma ética em que o respeito pela diversidade comportamental de cada indivíduo e pela diversidade cultural de cada

grupo se ligue a um sentimento de solidariedade para com todos os semelhantes, no sentido de satisfazer nossas necessidades de sobrevivência e transcendência. Essa ética exigirá uma redefinição de prioridades na ciência e na tecnologia, de maneira que possam se desenvolver com respeito pelos meios de vida, evitando aplicações que ameacem a vida e o meio ambiente. Igualmente importante é evitar a ameaça a culturas e tradições, uma vez que tais ameaças causam a degeneração da estrutura sócio-cultural.

Tal empenho exige de cada estado, cada grupo social, cada indivíduo, um compromisso de solidariedade e responsabilidade global. E a mudança só será possível por meio de uma ótica de diversidade tripla, envolvendo: 1. respeito pelo outro com todas suas diferenças; 2. solidariedade para com os outros em suas necessidades de sobrevivência e transcendência; 3. co-responsabilidade com o outro na preservação da vida. Tudo isto pode então levar ao "caminho que conduz ao Paraíso", em lugar de correremos o risco de morte universal, conforme expresso no Manifesto Russel-Einstein, assinado em 9 de julho de 1955 por muitos cientistas proeminentes. ▲

Ubiratan D'Ambrosio é doutor em Matemática pela USP, professor no Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da UNICAMP e no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, membro do Conselho da *Pugwash Conferences on Science and World Affairs*; presidente da Sociedade Latino-americana de História das Ciências e da Tecnologia, membro do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo e coordenador dos Institutos de Pesquisa da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. Foi signatário das Declarações de Veneza, Dago-mys e de Vancouver, é presidente da HOLOS-Brasil.

O FEMININO RESGATADO OU A POESIA NO COTIDIANO

*A dimensão poética do feminino, que dá sentido à vida,
não é exclusividade da mulher:
ela faz parte da evolução de todo ser humano.*

VERA LÚCIA PAES DE ALMEIDA

O que falta ao nosso mundo é a conexão anímica." A afirmação, de Carl Gustav Jung, poderia ser complementada por outra, de Roger Garaudy: "Viver, antes de mais nada, é participar do fluxo e da pulsação orgânica do mundo".

A conexão anímica citada por Jung e a qualidade de vida proposta por Garaudy estão estreitamente vinculadas ao que chamamos de feminino no ser humano: um potencial interno a ser trabalhado tanto no homem como na mulher, feito de valores hoje considerados supérfluos, superficiais, pouco úteis para a luta pela sobrevivência básica e por isso relegados a um segundo plano.

Entre esses valores estão a estética, a intuição, a poesia, o raciocínio e o pensamento não lineares,

os sentimentos, a sincronicidade, os sonhos... Abrir-se para o feminino, portanto, é entrar em um mundo de mistério e encantamento — uma vivência poética que dá cor, entusiasmo e significado à vida.

De acordo com Erich Neumann, um dos seguidores de Jung, a civilização ocidental vive uma crise motivada pelo excesso de valorização do masculino, representado pelo arquétipo do Pai, que leva à inflação espiritual do ego.

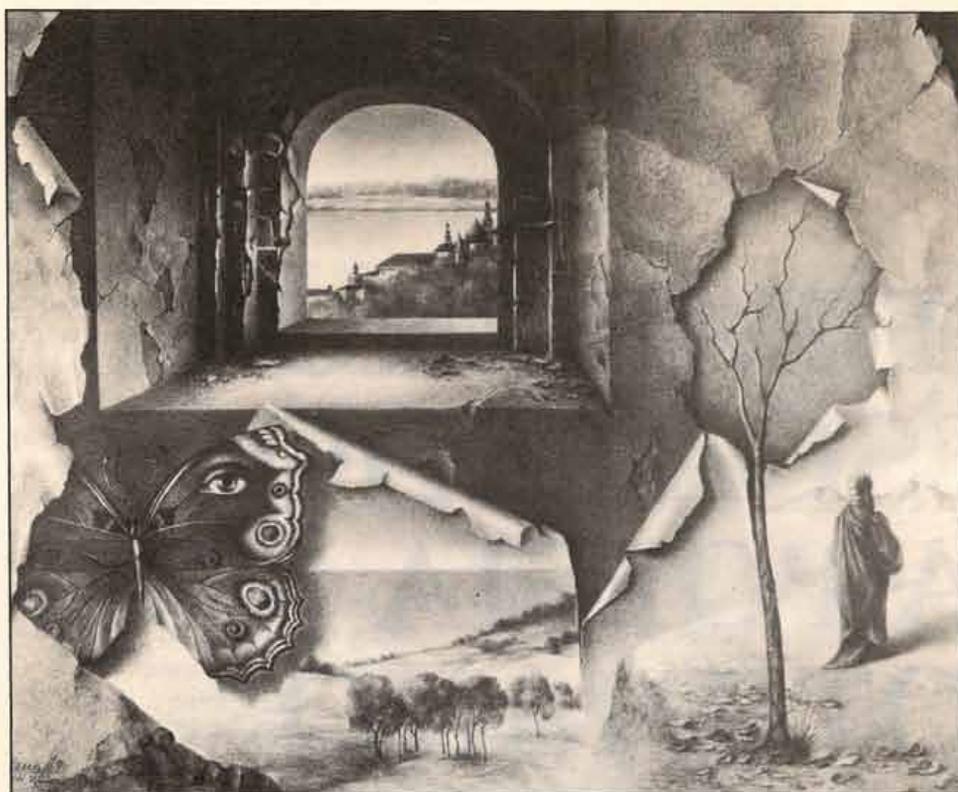
O reequilíbrio pode ser obtido aproximando-nos do inconsciente, representado pelo feminino, não só através do arquétipo da Grande Mãe, mas de todas as qualidades simbólicas do feminino pertinentes aos vários ciclos evolutivos da consciência.

Outro grande perigo da atualidade citado por Neumann é a

desvalorização das forças transpessoais. Tudo o que não pode ser compreendido e analisado pelo ego não é encarado com respeito, mas simplesmente reduzido, como algo sem importância ou ilusório. Anulado, reprimido ou ignorado, o mistério perde sua força. Assim, o universo perde seu caráter assustador, mas, sem o mistério sagrado que transcende o ego, a vida torna-se mecânica e sem sentido.

A vivência do feminino não torna menos árdua a luta pelos objetivos e metas propostos pelo mundo atual. Mas pode transformá-la em uma aventura corajosa e criativa, com surpresas agradáveis, mesmo através das dificuldades.

Pela sua própria condição biológica, a mulher está naturalmente mais próxima do feminino. Ao contrário do que se poderia



Ocaso - grafite sobre papel
Elena Nikitina - 1990

pensar, essa proximidade às vezes dificulta o desenvolvimento desse potencial, porque o coloca muito próximo de um nível de atuação inconsciente. Tanto quanto o homem, a mulher deve se esforçar *conscientemente* para diferenciar e desenvolver os valores pertencentes ao feminino.

O potencial feminino passa por um desenvolvimento simbólico ao longo da vida. Para estudar melhor as possibilidades que se abrem em cada fase evolutiva, vamos nos reportar ao referencial que propõe o analista junguiano Carlos Byington: fase matriarcal, patriarcal, de alteridade e cósmica.

Fase matriarcal - Aqui, o feminino encontra-se em seu próprio elemento, pois o arquétipo dominante é o da Grande Mãe. Devemos observar, porém, que além dos valores conhecidos, pertinentes ao aspecto maternal do símbolo, há outras características do feminino igualmente importantes.

Neste estágio psíquico, a consciência não se encontra ainda completamente destacada do inconsciente; é permeada pelo seu fluxo, tornando-se difusa e periódica. Essa condição favorece muito a inspiração criativa, a intuição, qualidades que emergem de modo misterioso, não influenciáveis pela vontade do ego. Convém lembrar que o inconsciente é que é criativo, não o consciente. Portanto, maior abertura e proximidade do inconsciente favorecem a expressão criativa, em todos os níveis, seja ela artística, científica, ou uma busca de novas atitudes.

Outra qualidade do feminino à disposição de homens e mulheres é a consciência do tempo lunar, que enfatiza a qualidade, e não a quantidade de tempo. Com o desenvolvimento desse potencial, podemos abrir-nos para a apreciação do momento mais favorável à execução de determinadas ações ou objetivos. O tempo

solar seria o pólo masculino, o que enfatiza a pontualidade e a exatidão da ordem cronológica temporal.

A compreensão relacionada com o feminino não se dá por um ato do intelecto. É o coração, e não a cabeça a sede da consciência matriarcal. No entanto, como as percepções estão conectadas com o ego, não podem ser consideradas inconscientes. A compreensão acontece por uma abertura afetiva a um novo conteúdo que, assimilado pela totalidade da pessoa, provoca uma alteração global – e não apenas intelectual – da personalidade.

O feminino, com seu caráter restaurador (pois enfatiza a quietude, a tranquilidade, o mistério), está ligado às qualidades noturnas. A força regeneradora do inconsciente atua em segredo e permite que nos aproximemos dessa dimensão, às vezes assustadora, da escuridão, através da suavidade do feminino. Para desabrochar com segurança, o crescimento, a

regeneração, a transformação, precisam das qualidades femininas do silêncio, da paciência, da receptividade.

Outra qualidade importante é a ação pela entrega, pelo "deixar acontecer", a "ação pela não-ação" dos orientais, o aprendizado do acolhimento, não só na maternidade biológica, mas no carregar e deixar amadurecer uma nova cognição, uma nova atitude.

Para a mulher, o maior perigo nessa fase é justamente atuar o feminino apenas no plano externo, concreto, projetando-o na maternidade biológica. Quando isso acontece, o feminino não se desenvolve no plano interno, simbolicamente, e então ocorre uma grande perda para a personalidade, em termos existenciais.

Para o homem, o feminino será realizado, necessariamente, como evento psíquico e não físico. E ele também tem que se defrontar com um perigo intenso: a permanente desvalorização do feminino. Como a consciência deve se desligar do inconsciente e seguir para a fase patriarcal, tudo o que estiver ligado à fase matriarcal deverá ser momentaneamente desvalorizado para permitir o desligamento e a passagem à fase seguinte. No entanto, muitos homens (e mulheres também) permanecem fixados na desvalorização do feminino, encarando suas qualidades como algo negativo, a ser superado em definitivo, e não conseguem recuperar, em si mesmos, a força simbólica desse potencial.

Na fase matriarcal, o feminino desabrocha em sua plenitude para homens e mulheres e permanece durante *toda a vida* como fonte revitalizante de imensas possibilidades criativas e sensíveis, onde podemos nos nutrir para ampliar e enriquecer nossa essência humana.

Fase patriarcal - Nesta fase, a consciência destaca-se por completo do inconsciente para formar um ego

forte, que dirige a libido de acordo com sua vontade rumo à organização e à discriminação. O arquétipo da Grande Mãe é substituído pelo arquétipo do Pai, a lua dá lugar ao sol e as novas conquistas são simbolizadas pelas façanhas do herói. O princípio masculino aqui está "em casa", como estava o feminino na fase anterior. Com a modificação da consciência, o feminino também sofre transformações que ampliam seu significado. O que não quer dizer, como frequentemente se supõe, que o feminino se transforme em masculino.

As qualidades do feminino (suavidade, intuição, aceitação, tempo lunar qualitativo) nesta fase se fortalecem e tomam forma mais definida pelo seu exercício *consciente e ativo*, tanto no círculo familiar, mais íntimo, como no espaço mais amplo das várias relações afetivas e sociais. Conquistando novos espaços, essas qualidades serão fortalecidas e diferenciadas através da consciência patriarcal, que possibilita a formação de canais individuais mais assertivos de expressão.

À mulher, essa atuação consciente e decidida dos valores femininos proporciona uma autoconfiança fundamental na sua própria essência. Para o homem, passada a etapa de afirmação de sua identidade masculina, o encontro com o feminino representa a conquista da própria alma.

Na nossa cultura, a consciência patriarcal foi levada ao extremo. A aceleração do ritmo vital, a excessiva competitividade e agressividade prejudicaram a qualidade de vida em geral. Hoje, as pessoas têm muito mais conforto devido ao enorme avanço científico-tecnológico, mas já não possuem tantas possibilidades internas de desfrutar esse bem-estar, porque o feminino pouco desenvolvido tornou a vida sem significado existencial.

O objetivo de atingir status,

estabilidade financeira, acesso aos bens materiais, simboliza, mais que simples conforto, o *sucesso* do ponto de vista patriarcal. A vivência e o desenvolvimento dos valores ligados ao potencial feminino são desvalorizados, e é necessária grande ousadia para buscá-los na atual sociedade. Os desafios não são poucos. Em primeiro lugar, temos que usar de toda a capacidade discriminativa da consciência patriarcal para delinear de maneira precisa os valores do feminino a serem resgatados, preservados e desenvolvidos. Em segundo lugar, temos que ampliar o exercício desses valores (suavidade, receptividade, compreensão lunar) do círculo familiar, amigos e pessoas próximas para a sociedade em geral, inserindo essa ação em nosso cotidiano. Isso requer a persistência e a tenacidade da consciência patriarcal, usadas a favor do feminino. Por último, temos que expressar o feminino sem que perca sua essência.

Tais tarefas requerem a força do herói, pois tentam recuperar o respeito, a dignidade, a civilidade no contato humano, hoje tão raros. O feminino tem a faculdade de estabelecer vínculos, relações, tanto externos como internos. Com a consciência patriarcal, passamos a nos diferenciar do outro, a ter uma visão do outro. O feminino faz a ponte, a conexão entre eu e outro, trazendo uma qualidade afetiva à relação. Vivida internamente, essa qualidade afetiva estabelece contato com a vivência poética inerente a cada ser humano e abre as portas para outra visão de mundo que complementa e equilibra a atual – e dominante – consciência patriarcal.

O estabelecimento de uma vivência poética no cotidiano não pode ser deixado ao acaso. Essa vivência deve ser desejada, buscada

e trabalhada criativamente. Portanto, o irromper dos valores femininos na fase patriarcal não é o bastante. Sua continuidade depende das qualidades positivas da consciência patriarcal, que favoreçam seu desenvolvimento.

Fase da alteridade - Se na fase anterior o feminino foi delineado e expresso com clareza, podemos ingressar na fase da alteridade. Os arquétipos regentes são a Anima e o Animus e o objetivo é o encontro e a aproximação das polaridades. O feminino amplia-se ao incluir seu oposto, o masculino, e vice-versa. Ambos são vividos como duas totalidades que se encontram e estabelecem o que Jung chamou de relacionamento "quatérnio".

O feminino poderá expandir-se muito mais, valendo-se de seu poder criativo, para encontrar novas maneiras de expressão da consciência. Essa criatividade é absolutamente necessária à transformação dos valores patriarcais que se baseiam na consciência tradicional e conservadora do coletivo.

A luta pela afirmação do feminino já não é importante nesta fase. Assim, essa energia pode ser dirigida ao diálogo, à escuta, à reflexão que inclua o oposto. As qualidades do masculino serão vivenciadas como complementares e não mais como antagônicas. As projeções podem ser retiradas; o encontro do feminino com o masculino pode ser vivido internamente. Novas possibilidades desabroçam - por exemplo, a percepção de que a suavidade possui grande força intrínseca, de que o pensamento lunar, do coração, possui sua própria lógica, de que a capacidade de entrega é uma escolha ativa e não um mero abandonar-se passivo. Os valores do feminino, enfim, incluem os valores do potencial masculino naturalmente,

do mesmo modo que no símbolo do *Tao* o lado escuro contendo um ponto claro e o lado claro contendo um ponto escuro estão em constante movimento e inter-relação.

Esse diálogo, essa dança entre as polaridades é a grande tarefa a ser cumprida pelo homem e pela mulher: o lado prático e o lado sensível expressando-se ao mesmo tempo, superando a dissociação interna.

Fase cósmica - É difícil falar com precisão desta fase, pois ainda estamos, enquanto humanidade em geral, na transição da fase patriarcal para a fase de alteridade, que apenas começamos a desenvolver. No entanto, ela não é uma completa desconhecida, pois temos a possibilidade de vivenciar momentos integrativos que nos dão um vislumbre bastante eficaz de suas possibilidades existenciais.

Aqui, o arquétipo regente é o self. Depois da integração obtida na fase anterior, o objetivo é a transcendência das polaridades, que nos leva à vivência da totalidade.

As qualidades do feminino que desabrocharam na fase patriarcal, discriminadas na fase patriarcal e complementadas pelo seu oposto e integradas na fase de alteridade, serão agora vivenciadas de modo espontâneo na sua totalidade, desapegadas dos papéis sociais polarizados que ajudaram no seu desenvolvimento. Por exemplo: mãe-pai, filho-filha, marido-esposa. Pois agora o centro da consciência não é mais o ego e sim o self, que é o centro da psique unificada.

Na fase de alteridade, a forma convencional e coletiva de personalidade é descartada para que a individualidade desabroche. Isto feito, abre-se a porta para a vivência do aspecto transpessoal, onde não mais existe a divisão feminino-masculino e se torna

possível a vivência real dos seres humanos em sua totalidade. Como consequência, a visão de mundo também é radicalmente transformada.

As qualidades do feminino serão agora vividas em uma esfera superior, porque foram conscientizadas e transformadas ao longo de todo o processo de desenvolvimento. Agora elas se unem no que poderíamos chamar de uma nova síntese de sabedoria, expressa através de serenidade, lucidez e harmonia. O self pode expressar-se de modo mais feminino ou mais masculino, apenas no que diz respeito à ênfase no modo de expressão, pois o todo está sempre presente indiviso. Como exemplo, podemos lembrar Lao Tsé, que transmitiu sua sabedoria de modo feminino ao usar a linguagem poética em seus escritos.

Assim, o feminino pode se revelar nesta fase como um valor espiritual vivenciado internamente e não mais projetado no mundo. O inconsciente urobórico do início torna-se sagrado, numinoso e, através do longo processo de desenvolvimento, leva-nos ao si-mesmo. ▲

Vera Lúcia Paes de Almeida é psicoterapeuta junguiana e professora de psicologia no Instituto Sedes Sapientiae.

Bibliografia

História da Origem da Consciência, Erich Neumann, Editora Cultrix, São Paulo, 1968.

O desenvolvimento simbólico da personalidade, Carlos Byington, *Junguiana*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, nº 1, 1983.

A lua e a consciência patriarcal e Os estágios psicológicos do desenvolvimento feminino, Erich Neumann.

Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência, Carl Gustav Jung, Editora Vozes, São Paulo, 1987.

AS CRIANÇAS DO MUNDO E A FELICIDADE

Na visão pessoal do psicoterapeuta Léo Matos, todas as crianças estão perto da felicidade. Aquelas que puderem alcançá-la serão adultos pacíficos e generosos que educarão outras crianças felizes.

O objetivo supremo, fundamental e maior na vida de todos os seres humanos é, em primeira e última instâncias, alcançar a felicidade. Mas parecem ser as crianças de todo o planeta que estão mais frequentemente em contato com ela.

Observando as diversas formas de viver das pessoas ao redor do mundo, durante minhas viagens a vários continentes, tenho visto homens, mulheres e crianças esforçando-se muito, e de formas diferentes, para ser felizes. Como parte da minha profissão de psicólogo, compartilho com as pessoas as dificuldades que surgem em suas vidas — observo, tomo notas e aprendo, especialmente, com a sabedoria natural das crianças.

Sabemos que, primeiramente, uma criança é produto de sua história, da história de sua mãe e de outros membros do seu ambiente

humano, da cultura (atitudes físicas) e de estímulos em geral.

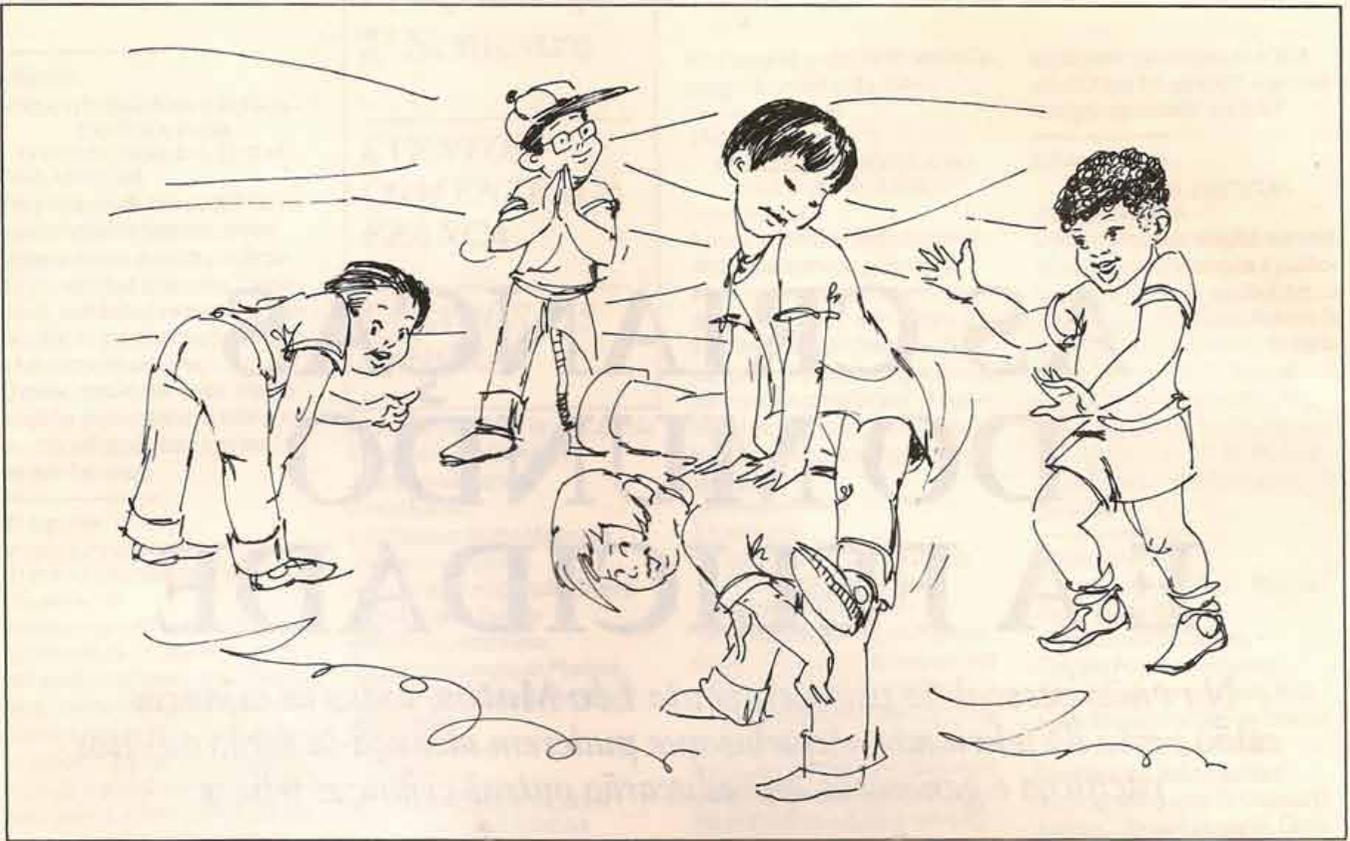
É importante enfatizar aqui que ambas histórias de uma criança, a perinatal e a transpessoal, irão influenciar muitíssimo sua personalidade e maneira de ser. Entretanto, vou ater-me às influências culturais que uma criança vivencia durante o curso de sua vida. Elas vão moldar a forma de ela perceber a realidade, de ser alegre, cooperativa, corajosa etc.

Contextos culturais têm sido um ponto de grande interesse em minha vida. Observar sua influência poderosa na formação do comportamento das pessoas e em seus sistemas de autoconfiança, auxiliou-me a compreender os meios que as pessoas utilizam para buscar a felicidade.

Nasci e fui criado no Brasil. Porém, por obra do destino, minha formação acadêmica deu-se na Escandinávia. Em termos culturais,

e na maneira de viver, a Escandinávia e o Brasil realmente não têm muitos pontos em comum. Numa tarde ensolarada em Copenhague, discutia com uma amiga o tema "influência cultural". Ela disse: "Aqui, na Europa, nós somos ricos materialmente, e pobres espiritualmente". Por espiritual ela queria dizer alegre, comunicativo, acolhedor e orientado espiritualmente. Será que ela estava certa? Se admitíssemos que sim, isso explicaria por que os adultos de alguns países parecem mais felizes e alegres do que os de outros? E por que, e como, as crianças parecem mais alegres e felizes do que os adultos?

Uma possível resposta a esta pergunta talvez seja o fato de que os mais felizes mantêm um contato maior com a natureza. Eles aproveitam melhor a vida; portanto, são capazes de aproveitar e experimentar a alegria.



Primo Gerbelli/93

Em minhas viagens, descobri que a maioria das crianças alegres está entre os tibetanos, mexicanos, japoneses, brasileiros, indianos, taitianos e na maioria dos países do Terceiro Mundo. Observei que as crianças escandinavas, americanas, alemãs, francesas e australianas são seres humanos lindos e adoráveis. Mas descobri também que elas são muito mais reservadas do que as crianças dos outros países que mencionei.

Onde a solidão começa - Há alguns anos, fui convidado a um coquetel oferecido por um jornal científico da Finlândia, onde eu havia publicado um artigo. Nesta festa, tive o prazer de encontrar uma simpática psiquiatra, Ministra da Saúde da Finlândia naquela época. Ela me contou que recentemente havia terminado uma pesquisa sobre garotas adolescentes finlandesas. Surpreendera-se ao

descobrir que elas sofriam de falta de confiança em si mesmas e perdi minha opinião sobre o fato de as mulheres finlandesas serem tão pouco autoconfiantes. Na minha opinião, essa não era uma característica da mulher finlandesa; os homens daquele país pareciam enfrentar o mesmo tipo de problema. Disse-lhe, também, que acreditava que isto se devia à maneira como as crianças vinham ao mundo na Finlândia (o tradicional hospital mecanizado, onde pouca consideração emocional era dada tanto às mães quanto às crianças) e à maneira como eram tratadas e educadas a partir daí.

Em minha prática psicoterapêutica na Finlândia, tenho convivido com vários casos sérios de pacientes que experimentam um acentuado sentimento de alienação e falta de autoconfiança. Trabalhando com estes problemas específicos, num processo de regressão de memória, é comum

estas pessoas se lembrarem de situações em suas vidas, quando, ainda bebês, se sentiram abandonadas pelos pais. Isto não significa que seus pais os tenham abandonado deliberadamente e no sentido literal da palavra, mas a experiência subjetiva do bebê e da criança era a de terem sido abandonados e terem se sentido perdidos.

Markku, brilhante engenheiro de uma importante indústria eletrônica da Finlândia, me disse que não podia continuar trabalhando porque estava sofrendo do que ele denominou "neurose do café". Perguntei o que significava, e ele me explicou que ficava tão nervoso durante o horário do expediente, que nem se arriscava a tomar café durante as reuniões, porque poderia começar a tremer tanto com a xícara na mão, que não conseguiria tomar o café. Tinha medo dos colegas e sofria de falta de confiança em si próprio.

Trabalhando com ele na psicoterapia, chegamos a uma fase de sua vida que ele havia esquecido completamente: ele era um bebezinho e seus pais "abandonaram-no em um berço num quarto gigantesco por um período interminável de tempo". O que aconteceu foi que os pais, desde o nascimento de Markku, acreditavam que era melhor ele ter seu próprio quarto e, portanto, deixavam-no lá sozinho. Markku não compartilhava esta idéia, mas seus choros de protesto nunca foram entendidos pelos pais. Esta falta de proteção (o pequeno Markku sentia-se apavorantemente desprotegido quando

NA EUROPA, AS CRIANÇAS DEMONSTRAM MUITOS MEDOS PRÓPRIOS DE ADULTOS

deixado só, sem uma companhia humana e aconchegante) era uma das razões que haviam transformado Markku num adulto sem confiança, sofrendo depressões, com tendências ao alcoolismo e ao suicídio. Durante dois anos, Markku fez terapia comigo – um período durante o qual foi capaz de "retornar à sua fase de bebê e infância para reviver aquelas situações frustrantes de solidão e curar os efeitos de muitas das suas frustrações".

O mundo como uma teia - Acredito que os pais finlandeses, como quaisquer outros pais no mundo,

amem seus filhos e queiram o melhor para eles. Na América Latina tenho visto pais e outras pessoas serem extremamente amorosos com as crianças, abraçando-as freqüentemente, acariciando-as e brincando com elas em qualquer oportunidade. Por isso, foi difícil para mim entender que as mães finlandesas, em invernos terríveis (na Finlândia é comum as temperaturas chegarem a 20°C negativos nos longos invernos) deixem seus bebês, muitas vezes chorando, nos carrinhos, sozinhos, e entrem numa loja ou restaurante, às vezes por mais de uma hora.

Durante alguns anos, em Helsinki, tive um consultório que dava de frente para um quintal e lá, em pleno inverno, um ou dois bebês ficavam sozinhos horas a fio. Cheguei a perguntar às mães por que deixavam seus bebês lá sozinhos, e elas responderam que tomar o ar fresco era muito bom para a saúde deles. Eu acredito que isto seja verdade, mas duvido que esta maneira de agir seja boa para a saúde psicológica da criança.

Tanto bebês como crianças precisam sentir-se seguros, protegidos, aconchegados e acompanhados. A criança que não recebe isto de seus pais e de seu meio ambiente se tornará, muito provavelmente, um ser alienado em sua fase adulta. Ele sofrerá de falta de autoconfiança e terá dificuldade em vencer a solidão.

Em constante contato com crianças finlandesas e francesas, notei que seres adoráveis elas são. Porém, me pareceu que ainda muito jovens, nos seus 8 ou 9 anos, elas se comportam como adultos. Parecem muito sérias, distantes e preocupadas e já demonstram medos próprios de adultos (aparentemente um efeito colateral não desejado das sociedades europeias industrializadas). Será

que elas não perderam muito cedo esta realidade linda de ser uma criança alegre? Se eu estiver certo, isto certamente seria consequência da educação recebida em seus respectivos países, e tal educação existe porque os adultos acreditam que quanto mais depressa uma criança se comportar e agir como um adulto, melhor se sairá naquela sociedade em particular.

Esta crença e modelo educacionais para os cidadãos de amanhã merecem uma reflexão sobre a filosofia prevalecente na cultura. Este sistema em que se acredita criará uma realidade consensual específica. Uma realidade de separação onde o estado sutil de medo começa a emergir; medo que a longo prazo pode se transformar em paranóias e até agressividade.



Primo Gerbelli/93

Num contexto científico, podemos falar em duas realidades básicas: o ponto de vista cartesiano de Newton, de separação, e a realidade da identidade descrita pela física de Alta Energia. Num estado normal de consciência (nossa consciência "acordada" no dia-a-dia) percebemos as coisas como se elas estivessem basicamente isoladas de tudo o mais em termos de tempo e espaço.

De onde vem a alegria - Provavelmente devido a esta maneira de perceber tudo é que Isaac Newton, ao formular sua Física, postulou que o universo é composto

por quase uma infinidade de objetos separados. Com a física clássica de Newton, nós desenvolvemos nossa sociedade moderna com alcances tecnológicos maravilhosos, chegando até perto da ficção científica. Ao mesmo tempo, estes resultados materiais maravilhosos nos influenciaram brutalmente no sentido de acreditarmos numa realidade única de separação e solidão. Entretanto, físicos modernos têm mostrado que num nível profundo de realidade os postulados da física Newtoniana não são válidos. E aqui o universo é descrito como uma única teia gigantesca e dinâmica: o sentido de separação nada mais é do que uma ilusão, conforme o budismo e várias outras religiões orientais vêm expressando há milênios.

Em termos psicológicos, acreditar que a separação seja uma realidade absoluta pode vir a ser uma ilusão perigosa e muito cara, que pode nos custar nosso mais precioso e procurado tesouro, a felicidade. Na Europa de hoje, por exemplo, muitas pessoas vivem num contexto de medo, medo de outros seres humanos, medo do futuro, e quase que na expectativa de uma catástrofe nuclear. Alguma coisa parecida ou pior do que o desastre de Chernobyl... Estes medos deixam as pessoas muito nervosas, e é comum ver nas grandes cidades européias como Paris, Estocolmo, Frankfurt ou Londres, pessoas caminhando nas ruas como se estivessem com tanta pressa e cansadas que precisassem praticamente correr em vez de caminhar. Num domingo à tarde, depois de terminar um dos meus seminários em Paris, decidi voltar ao hotel de metrô. Por ser domingo, eu esperava que as pessoas estivessem mais à vontade, aproveitando aquele agradável dia primaveril. No entanto, o cenário



Primo Gerbelli/93

não diferia muito dos dias da semana, mesmo com um número menor de pessoas no metrô. A atmosfera de pressa e tensão ainda estava presente, e quase todos estavam nervosos, meio que correndo para lugar nenhum.

Este estado sutil de medo, o qual freqüentemente se parece com agressividade, é um efeito colateral negativo do nosso progresso material, devido ao fato

de o homem moderno não ter sido capaz de equilibrar suas realizações materiais e espirituais. Outro importante efeito colateral psicológico visível do perceber a si próprio e ao universo num contexto de separação, é a perda da consciência ecológica. Com o tempo, isto pode trazer um sentimento de alienação, que pouco a pouco será transmitido às crianças. Certamente, este é

um produto da percepção incorreta da realidade, quando nós, de alguma forma, somos explícita e não-explicitamente ensinados a ver a nós mesmos e tudo o mais à nossa volta como coisas separadas. Com frequência, isto faz com que as pessoas se percebam isoladas, desprotegidas e, muitas vezes, aparentemente não amadas e não necessárias a este mundo. Para sobreviver, acredito que essas pessoas, consciente ou inconscientemente, precisem se isolar mais e mais, como forma de proteger-se – um estado psicológico que leva o homem a um comportamento de autodestruição e destruição do mundo à sua volta.

Mais medo, menos afeto - As crianças, antes de serem levadas a acreditar na separação, ainda têm uma percepção de continuidade. Elas vêm o mundo mais como um fluxo contínuo ao qual elas pertencem, do que como uma infinidade de objetos "lá fora".

Eu acredito que vivenciar o mundo como uma dinâmica contínua seja a razão pela qual estes pequenos seres humanos são mais alegres, vivem mais no aqui e agora, e são mais capazes de aproveitar a vida do que os adultos.

É marcante o fato de que os modelos de realidades e comportamentos impostos por culturas específicas formarão tais pequenos seres humanos para um futuro de maior ou menor felicidade ou sofrimento.

Os seres humanos são basicamente os mesmos, mas o ambiente psicológico criado pela realidade de um consenso cultural parece produzir objetivos e valores diferentes. Quando, jovem brasileiro, eu vim pela primeira vez à Suécia, senti-me como se tivesse aterrissado em outro planeta e me encontrado com seres extraterrestres.

Vim de um país dito subdesenvolvido para uma sociedade materialmente superdesenvolvida. Mas, para minha grande surpresa e estupefação, estas pessoas lindas e ricas pareciam longe do que costumamos chamar de felizes e alegres. Durante meus primeiros três meses em Estocolmo, tentei e tentei achar em diferentes lugares os "suecos felizes". Entrei em contato com todo tipo de pessoas, sempre acreditando que ainda não havia encontrado o lugar certo ou as pessoas alegres, até que descobri que não só no sentido material, mas também em termos psicológicos, havia uma diferença muito grande entre as formas de perceber a realidade

CRIANÇAS JAPONESAS, BRASILEIRAS, TIBETANAS PARECEM MUITO FELIZES

para os brasileiros e para os suecos. O Brasil é um país selvagem, ensolarado, primitivo, e as pessoas são alegres por natureza. Na Suécia, a maior parte do ano faz frio sem muito sol, o país é materialmente superdesenvolvido e as pessoas parecem ter grande dificuldade em aproveitar a vida.

Mais tarde, desenvolvi meus estudos de psicologia na Universidade de Copenhague, o que me facilitou um contato mais profundo com os escandinavos.

Trabalhei como psicólogo na Dinamarca, em diferentes posições, e durante as pesquisas que desenvolvi, tentei descobrir em qual fase da infância uma criança mudava sua realidade de fluxo contínuo para uma realidade "sólida" e de separação dos adultos. Utilizando-me de uma amostragem de 46 crianças entre 7 e 15 anos e fazendo uso basicamente de um teste de associação livre de Carl Gustav Jung, descobri que, particularmente nesta primeira pesquisa, esta realidade havia mudado entre as idades de 11 e 12 anos nas crianças dinamarquesas. Esta é a única pesquisa que eu conheço destinada a verificar especificamente este tipo de realidade. Acredito que seria benéfico desenvolver esta pesquisa com crianças de culturas diferentes ao redor do mundo, para descobrir com uma amostragem mais ampla e de diferentes culturas, como a cultura e a percepção afetam nossa maneira de ser. Isto poderia, eventualmente, melhorar os modelos educacionais destinados às nossas crianças.

Parece que a maioria das sociedades pós-industriais têm se desenvolvido dentro de um contexto de filosofia materialista, com a crença implícita de que o mundo é composto de quase uma infinidade de objetos isolados (ponto de vista das realidades cartesiana e newtoniana). Desta forma, a pessoa tenderá a pensar mais e mais de forma individualista (egofista), separando a si própria dos outros. Desta forma, a longo prazo, a pessoa se sentirá alienada. Certamente, um adulto alienado, consciente ou inconscientemente, ensinará a seus filhos como serem alienados. Alienação traz medo e, neste sentido, em tal sociedade, haverá menos e menos comunicação afetiva.

Os seres humanos são seres agregados, não por razões de

sobrevivência, mas, acima de tudo, devido às necessidades emocionais de inter-relação e companhia, que dão ao indivíduo um sentimento de pertencer, um sentimento de proteção.

Pequenos seres brilhantes - Na Dinamarca, enquanto trabalhava numa instituição do governo dinamarquês para "crianças com distúrbios de comportamento", tive algumas experiências pessoais interessantes. As chamadas "crianças difíceis" eram as que de alguma forma, não podiam ou não queriam conviver com os padrões educacionais e crenças propostos pela

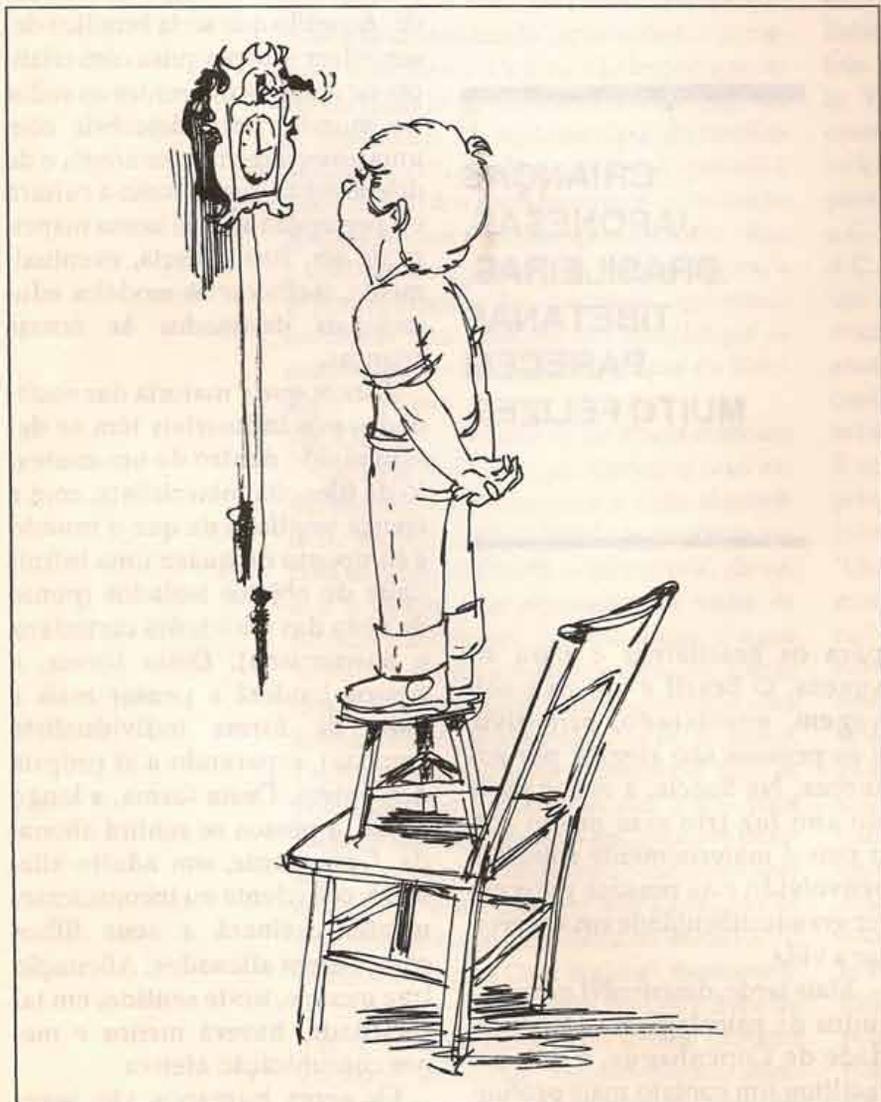
sociedade dinamarquesa. Eram "diferentes". Entretanto, eu descobri que elas eram pequeninos seres humanos brilhantes e com os quais podíamos aprender muitas coisas.

Uma vez, passei um filme sobre a beleza natural do Rio de Janeiro para essas crianças. Sentadas nos meus joelhos estavam duas irmãs de cabelo castanho claro e olhos bem azuis. Notei que a menor me olhava atentamente, em vez de prestar atenção no filme. Eu me perguntava por que ela continuava me observando em vez de assistir ao filme. De repente, ela exclamou:

"Você tem olhos escuros!" Lá, a maioria das crianças era loira e quase todas tinham olhos azuis, um traço comum aos dinamarqueses. Perguntei: "Você não gosta de olhos escuros?" Ela disse: "Sim, olhos escuros são felizes durante o dia, mas eles se tornam medrosos à noite".

Christian era um adorável menino de 7 anos. Ele veio para a nossa instituição rotulado de psicótico. Para nossa surpresa, logo descobrimos que Christian não era psicótico. Ele era simplesmente um grande rebelde com alguns problemas neuróticos. Era uma criança muito viva, que gostava de se movimentar bastante - diferente daquilo que os adultos na Dinamarca esperariam que uma criança fosse. Lá, nós tínhamos uma biblioteca, onde uma vez por semana um professor era encarregado de trabalhar emprestando livros para as crianças e recebendo-os de volta. Mas, como praticamente nenhuma criança se utilizava desse serviço, numa quarta-feira à tarde o professor encarregado fechou a biblioteca uma hora mais cedo e foi jogar futebol com alguns meninos maiores. Christian levava três livros grandes debaixo do braço a caminho da biblioteca. Eu o seguia. Ele surpreendeu-se com a biblioteca fechada e me perguntou, bem sério: "Que horas são agora?" "Quatro e meia". Christian ficou furioso, disse que a biblioteca deveria estar aberta até as cinco horas e que, já que ninguém estava lá para receber os livros que vinha devolver, ele os deixaria em qualquer lugar! Dito isto, usou de toda sua energia para jogar os livros sobre o telhado da biblioteca e, calmamente, foi-se embora.

Numa tarde de verão, eu estava brincando de esconde-esconde com algumas crianças. Eram umas



Primo Gerbelli/93

nove horas da noite e um belo sol avermelhado estava para se esconder atrás das montanhas ao longe. O brilho laranja-avermelhado passava por entre as árvores da floresta, criando um espaço lindo de danças de luzes.

Eu desejava compartilhar esse cenário magnífico com as crianças, e como Christian estava perto, o chamei:

- Veja Christian, que sol lindo!

Christian olhou e segurou minha mão com firmeza.

- Você acha que deveríamos caminhar para mais perto dele, Christian?

Começamos a caminhar em direção à floresta para apreciar aquele belo pôr-do-sol. Depois de andarmos uns 50 metros, Christian apertou ainda mais sua mão na minha e parou.

- Vamos chegar mais perto do sol para poder vê-lo melhor, eu propus.

- Não!...Ele disse com voz trêmula. E, olhando para mim com seus olhos escuros e brilhantes, exclamou:

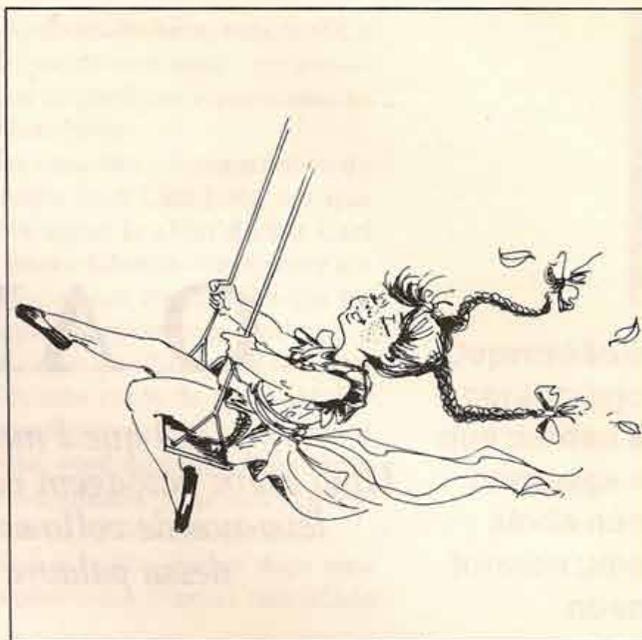
- Ele pode nos queimar!...

Felicidade se ensina? - Apesar de estas crianças terem aparentemente muitos problemas (problemas familiares, algumas vezes pais com problemas de alcoolismo) ou serem órfãs ou rejeitadas, a mim elas parecem ter a chama da vida muito bem iluminada dentro delas: um fogo de alegria.

As crianças japonesas, brasileiras, tibetanas, indianas e nepalesas, a meu ver, parecem seres humanos muito felizes. Se existe alguma diferença entre estas crianças e as européias, por que ela existe? Certamente, a diferença tem muitas de suas raízes nas filosofias e religiões nas quais aquelas sociedades se enquadram. Nesses países, as crianças recebem valores de consequência espiritual, os quais, dentro de um contexto de toda

uma vida, com certeza lhes trarão paz e felicidade estáveis.

Quando estive no Japão em 1986, não somente me surpreendi com o maravilhoso desenvolvimento tecnológico do país, mas, acima de tudo com a delicadeza e cortesia de sua gente acolhedora. Fiquei encantado com a alegria das crianças japonesas com as quais me encontrei em diferentes ocasiões. Eu me questionava o porquê disto. Como seria possível que um país superdesenvolvido, com soberbas realizações tecnológicas, não estivesse apresentando (até onde eu podia ver) os mesmos problemas de alienação e falta de confiança e alegria que eu havia visto em outros países pós-industrializados? Achei que esta maneira positiva de ser, onde as pessoas eram capazes de usar as maravilhas tecnológicas ao invés de se tornarem escravas delas por apego ou medo, só poderia ser devida aos efeitos da filosofia e das religiões praticadas no Japão, que agora se tornaram um tipo de psicologia praticada, mais ou menos consciente ou inconscientemente, por cada um. Tendo em mente o modelo de personalidade de Jung, eu diria



Primo Gerbelli/93

que os europeus são basicamente o "tipo intelectual", os latino-americanos o "sentimental", e os japoneses o "tipo intuitivo".

Numa entrevista que Sua Santidade o Dalai Lama deu sobre crianças ("O Dalai Lama sobre Amor e Crianças", L.A. Parent Magazine/Junho - 1988/pág. 30), ele diz: "Se você não ensinar mais nada a uma criança, pelo menos ensine-lhe a bondade".

Bondade implica em dar; dar, aqui, relaciona-se diretamente com o coração, o que traz a experiência do amor. Em outras palavras, sendo capazes de transmitir amor às nossas crianças, amando-as e ensinando-lhes como amar, estaremos contribuindo para uma humanidade capaz de alcançar um estado de paz e felicidade estáveis. ▲

Dr. Léo Matos, Ph.D., é psicoterapeuta transpessoal e orientador de profissionais da área de saúde mental no Brasil e na Finlândia. É pesquisador e escritor no campo dos sonhos, morte, drogas, meditação e terapias transpessoais. Após viver 7 anos com lamas tibetanos tem integrado a psicologia budista tibetana com a psicologia ocidental.

O AMOR

*O que é mesmo o amor?
Uma breve passagem pelas tradições e a filosofia,
leva-nos de volta ao verdadeiro conteúdo
dessa palavra tão desgastada.*

LIA DISKIN

Uma das mais antigas histórias de amor encontra-se numa passagem do *Mahabharata* que, ao lado do *Ramayana*, é um dos grandes épicos da Índia. No *Mahabharata*, entre 400 a.C. e 200 d.C. foi sendo compilado o conhecimento que até então pertencia à tradição oral. Nessa cosmovisão da Índia, uma das narrativas refere-se a Savitri.

Savitri é também uma divindade, mas neste conto é uma mulher, uma princesa de um reino vasto, rico e fecundo do Norte da Índia. Como filha do rei, ela tem o privilégio de escolher seu marido. Chegada a hora, o pai lhe diz: "Vá em busca de seu marido. Vá, escolha-o".

Savitri parte em sua carruagem, acompanhada por sua corte. Percorre os reinos vizinhos mas não encontra o homem que almeja. Entre um reino e outro, passa por um bosque, onde moram muitos ermitãos. Entre eles, um rei que, vencido por um rei vizinho, perdera a visão, assim como suas terras e riquezas e ali se recolhera para uma vida de austeridade com a família.

Savitri aproxima-se do rei.

Como manda o costume, vai manifestar sua devoção ao eremita. Ao lado do rei vê seu primo-gênito, Satyavan, e sente-se profundamente apaixonada por ele. Sem nada dizer ao rei nem a Satyavan, volta para seu reino e comunica ao pai: "Encontrei um esposo". "Conta-me como ele é, qual o seu reino", alegre-se o pai. E ela diz: "Lamento, meu pai, mas não é um príncipe. É filho de um rei que perdeu seu reinado e vive em uma ermida muito humilde no bosque".

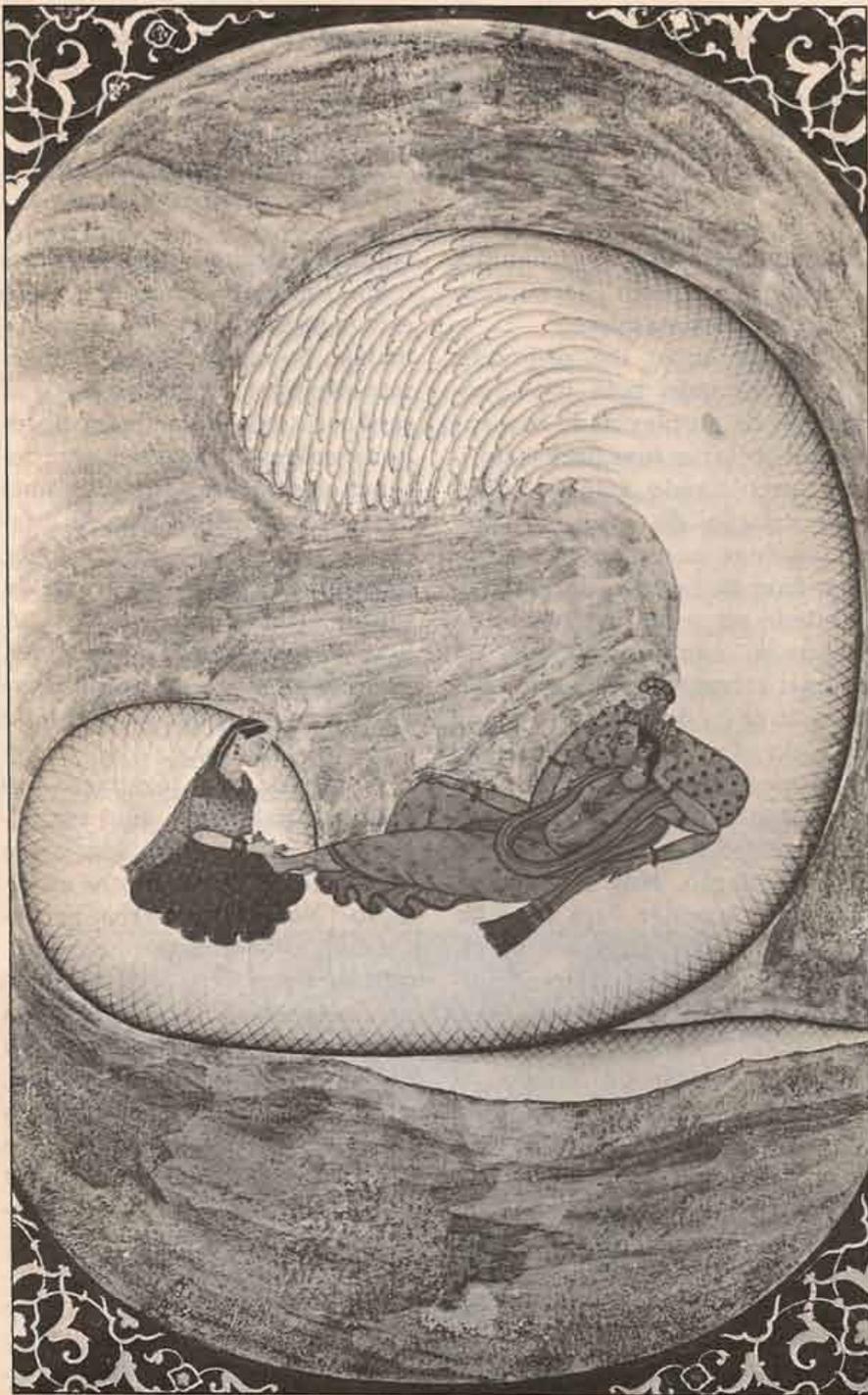
Como também é costume nas tradições do Oriente, o diálogo transcorre na presença de um conselheiro, Narada, sábio e vidente. Ao ouvir a princesa, ele percebe imediatamente que se trata de Satyavan e adverte: "Não pode ser. Seria uma condenação para este reino e para o próprio destino de tua terra. Porque Satyavan vai morrer exatamente daqui a um ano". Savitri retira-se e reflete, já embargada pela tristeza e novamente se apresenta ao rei: "Pai, seria infiel meu amor a qualquer homem, porque minha mente está ocupada com Satyavan. Só me resta

casar-me com ele, embora sabendo que daqui a um ano ele vai morrer".

Dito e feito. Realizam-se as cerimônias do matrimônio, Savitri vai morar na ermida do bosque e passa a dedicar seu tempo ao marido e aos sogros. Quando o dia marcado está próximo, ela faz um jejum de três dias e se prostra em oração até o momento em que os mensageiros de Yama, deus da morte, chegam para levar a alma de Satyavan. Mas eles não conseguem ultrapassar o círculo mágico, em cujo centro está Savitri com o corpo de Satyavan no regaço.

Os mensageiros voltam a Yama: "Senhor da Morte, não conseguimos trazer a alma segundo vossa ordem. Não pudemos atravessar o círculo". Yama decide ir e, como tem mais poder do que qualquer magia deste mundo, atravessa o círculo, toma a alma de Satyavan e, carregando-a nos braços, avança para a morada eterna.

O amor na Índia - Yama caminha e escuta passos: alguém pisa nas folhas em seu encaço. Vira-se e, ao ver Savitri exclama: "Minha



Vishnu e sua consorte: diálogo amoroso

filha, o que estás fazendo? Por que me segues? Não sabes que a morte é irreduzível, que é o momento decisivo para toda criatura que pertença a este mundo?" Savitri lhe responde: "Sim estou ciente, sei que a morte é irreduzível, que é o fim natural de todas as coisas. Entretanto, levando

a alma de meu marido, estás me levando junto". Yama diz: "Muito bem. Podes pedir-me uma graça, desde que não seja devolver a vida a teu marido, e eu a concederei".

Savitri fica feliz: "Ó, Senhor da Morte, devolvi a visão ao meu sogro. Fazei com que ele seja feliz!"

"Seja feito, minha filha", diz

Yama. E tranqüilo, pensando ter-se desvencilhado dela, continua seu caminho, levando a alma de Satyavan. E mais uma vez escuta passos. "Minha filha, o que estás fazendo? Já te outorguei uma graça, deixa-me em paz". Desta vez, Savitri lhe diz: "Senhor da Morte, ficaria muito feliz se restituíesses o trono e as riquezas ao meu sogro".

"Seja feito, minha filha". E continua andando com a alma de Satyavan e mais uma vez ouve os passos: "Se teu marido tivesse sido um perverso e eu o estivesse conduzindo ao inferno, ainda assim continuarias a me seguir?" E Savitri responde: "É claro. Não tenho como retroceder, como voltar. Não sou eu que vou. Tu me carregas com ele".

Comovido por este amor desmesurado ele diz: "Vou conceder-te a terceira e última graça. Desde que não seja devolver a vida a teu marido, pede o que quiseres".

Então Savitri, muito humildemente, pede: "Ó Senhor da Morte, faz com que a descendência régia do meu sogro não se perca. E Yama diz: "Seja feito" e percebe que, para que a descendência não se interrompa, ele tem que devolver a vida a Satyavan.

Todo o imaginário do mundo indiano está neste conto. Savitri é o ideal de mulher e sua relação com Satyavan é o ideal de amor. Há na história um elemento notável de astúcia e de inteligência. Veja-se a ordem em que foram pedidas as graças. Primeiro a visão do sogro, depois a retomada do trono e das riquezas e por fim a continuação da linhagem desse rei.

Para os indianos, há uma forma de amor ainda mais poderosa que Brahma, o criador do Universo

De onde nasce este amor? Em todas as culturas, todas as coisas são animicamente vívidas. O nascimento daquilo que se estabelece entre Savitri e Satyavan é narrado em outro texto, chamado *Kalika Purana*.

Conta-se que Brahma, o criador, em meditação profunda, pairava no vazio sem forma e dessa meditação exsudava seus dez filhos nascidos da mente. Não existia ainda a intervenção dos corpos, nem a divisão dos sexos. Brahma continua a meditação, regozijando-se com as primeiras criações. E nesse regozijo num plano cósmico da mente, ele vai criando uma exsudação que toma a forma de uma belíssima menina, de uma donzela de nome Aurora.

Brahma ainda não reparou na menina, ainda não a viu: ela é fruto de seu imaginário. Mas começa a sentir um tumulto; desde o vazio, percebe certa balbúrdia. Seus dez filhos, saídos de sua mente, estão conturbados. Isso tira Brahma de seu estado de absorção e ele contempla Aurora. A agitação dos oceanos sem fim do universo vem bater em seu peito. Ele quer descobrir o que é essa agitação que desconhece e que vai crescendo, crescendo, tomando conta não apenas de seu peito, mas de seu estômago, de suas pernas, de tudo aquilo que ele é.

Kama, o ser mais elevado - Para saber, Brahma entra novamente em estado meditativo e dessa meditação exsuda um jovem de esplendorosa beleza, carregando um arco e cinco flechas. Ele diz a Brahma: "Dá-me um nome".

Seu nome é Kama, que significa "agitador do espírito". Ele também pede: "Dá-me uma missão".

Brahma então lhe responde: "Sairás errando pela terra, enchendo de perplexidade homens e mulheres com tuas flechas floridas, propiciando assim a contínua criação do universo. Nenhum deus ou espírito celestial, demônio ou espírito do mal, divindade serpente ou duende da natureza, nenhum homem ou animal selvagem, nenhuma criatura do ar ou do mar hão de ficar fora do alcance de teus dardos, nem mesmo eu, ou Vishnu, que tudo impregna, nem mesmo Shiva, o pétreo asceta imóvel imerso em meditação. Nós três estaremos sob teu poder. Para não falar de outras existências que respiram. Deverás atingir, imperceptível, o coração, e ali despertar o prazer provocando a perpétua e renovada criação do mundo vivente. O coração há de ser o alvo de teu arco. Tuas flechas levarão alegria e emoção embriagadora a todos os seres que respiram. Essa, portanto, é tua missão.

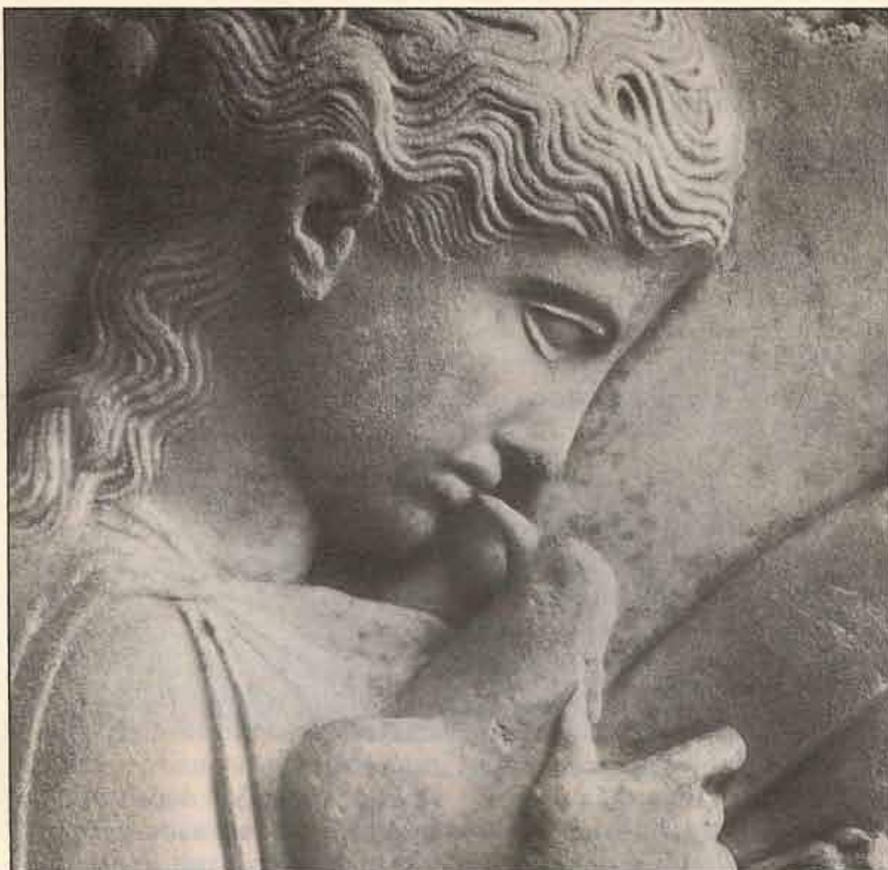
Ela perpetuará o momento da criação do mundo. Recebe agora, ó mais elevado dos seres, o nome que te pertence". Para se ter uma idéia do poder de Kama, basta dizer os nomes das suas flechas: "provocadora do paroxismo do desejo", "inflamadora", "embriagadora", "abrasadora" e "portadora até dos destinos da morte".

Kama escuta atento, feliz com seu nome e feliz com sua missão. E pensa: "Se o próprio Brahma, o próprio Shiva estarão em meu poder, este é um excelente momento para experimentar". Ele

lança suas flechas. O primeiro que tenta atingir é Brahma – Shiva não estava presente; meditava no Himalaia, no monte Meru. E ao serem atingidos, Brahma e todos os senhores celestiais ficam absolutamente perturbados pela presença de Aurora, que não mais desperta a curiosidade da criação. Agora ela desperta desejos, paixões. Desperta um leque de sentimentos desconhecidos. A luxúria toma posse de Brahma. Sua compostura se perde. Perde-se a compostura de Vishnu e de todos os demais.

Notando tanta excitação no universo palpitante aqui embaixo, Shiva se pergunta: "Mas o que é isso que me tira de minha meditação?" Vai verificar e ri às gargalhadas. "Ó Senhor dos Senhores, ó Senhor das Criaturas, tua própria criação te perturbou? Tua própria filha?" E admoesta todos com um duro sermão. Brahma, envergonhado, reflete e chama Kama: "Encontra uma forma de inquietar Shiva". Para encurtar a história, Kama consegue mesmo perturbar Shiva.

Desta forma os indianos conceberam o nascimento e a função do amor no universo. Note-se que ele é mais poderoso que o próprio criador, que o próprio Brahma. Este, no entanto, é o aspecto "kama", o aspecto terrestre e manifesto do amor, das relações entre as próprias espécies. Tal sentimento distingue-se de outro que não tem a característica de perturbação, de agitação, de perda de compostura e que é chamado *bhakti*. Nele, o movimento não é em direção à posse do objeto amado, mas de



Detalhe da capa

entrega; *bhakti* é um sentimento de devoção a um princípio cósmico, abstrato.

Este é o primeiro esboço de que se tem notícia de duas concepções do amor. Uma, de entrega a um princípio divino, celestial, cósmico. A outra, de entrega a uma relação interpessoal com um semelhante.

Na Grécia, o mesmo mito da criação, do aparecimento de Eros, chega a nosso conhecimento através do que Sócrates diz em *O Banquete* e em *Fedro*.

Um gênio chamado Eros - Hoje, quando se fala em banquete, estima-se que o principal elemento seja a comida. Mas na Grécia de Sócrates, o principal elemento eram as idéias, o encontro, a conversa. Comida e vinho eram elementos secundários. Naquele banquete descrito por Platão, discutia-se o amor. Alguém dizia

que amor era uma paixão, uma força instintiva arrebatadora. Outra personagem retorquia "não, amor é um deus, já diziam as tradições..." Outro opinava que era um impulso da natureza e outro que havia nascido do encontro com a beleza. Quando chega a vez de Sócrates, ele utiliza um subterfúgio; em vez de exprimir sua opinião, narra o que a sacerdotisa Diotima de Mantinéia lhe dissera a respeito: que o amor não é um deus, apresentado pelas tradições como filho de Vênus, não é um instinto da natureza, e não é um impacto provocado pela beleza, mas sim um gênio.

Na versão de Diotima, Júpiter e Dione tinham gerado uma filha chamada Vênus e, quando festejavam nos jardins de sua morada celestial o nascimento desta esplendorosa menina, encontrava-se entre os convidados uma divindade chamada Pórus, que é a

inteligência, a razão, a luz e a abundância. Embriagado com néctar, Pórus deitara-se no jardim.

Nos portais dessa mansão celeste estava Pênia, uma donzela muito tímida que não havia sido convidada para o evento. Impressionada com a esplêndida beleza de Pórus placidamente deitado no jardim, Pênia, que é a carência, a indigência, a ignorância e a pobreza, quis engravidar um filho dele. Ela é terrena, ele divino. O filho que geram é produto da abundância e da carência, da fertilidade de recursos e da absoluta indigência. Nem mortal nem celestial: um gênio chamado Eros.

Nascido nos jardins de Júpiter, Eros, o amor, tornou-se inseparável de Vênus, a beleza. "Porque no amor", diz Diotima, "busca-se sempre o belo". Assim o mundo grego concebe esse gênio, esse mensageiro entre a terra e o céu.

Amar é uma necessidade do próprio universo. O único elemento que o sustenta

Pois os gênios cumprem a dupla missão de levar aos deuses os anseios dos homens e de trazer aos homens os ditames dos deuses.

Eros, na tradição romana, torna-se Cupido, aquele que traz de volta a imagem de Kama, do arco e das flechas. Isto nos leva a indagar que tipo de confluências culturais existiram nesse meio tempo, qual foi o trânsito, do Extremo Oriente para a Grécia Continental e para Roma, dessa criação imagética. As interferências devem ter sido intensas para que no imaginário surja a mesma criatura, à espreita em qualquer parte do universo para lançar suas setas. A partir dessas culturas desdobra-se grande parte de nossas próprias tradições.

Chegamos ao mundo cristão e esse *kama* e esse *bhakti* são denominados *eros* e *agape*. O primeiro quer o objeto de amor para si. O outro quer entregar-se ao objeto de amor.

Mas o refinamento das nuances vai além. O sentimento que enlaça na relação interpessoal – *kama* – não é o mesmo sentimento que enlaça o herói com sua pátria, o indivíduo com uma causa. São matizes diferentes. Em pleno mundo romano, cristão, estabelece-se a primeira categorização destes elementos. Há *eros* e há *philia*, de onde vêm *filial*, *filantropia* – sentimentos que abraçam tanto uma relação pais e filhos quanto uma relação entre amigos. A amizade é uma qualidade, uma tipificação do amor. Aqui vemos o trânsito entre a velha divisão: *eros* e *agape*. Daqui sai um leque que se

desdobra em milhares de categorias de relações, desde a ternura, expressão tênue do amor, até a expressão mais exacerbada de entrega incondicional, de emoção ou de renúncia.

Os artistas mobilizam esse nosso mundo incomensurável de sentimentos através de uma via que não é a da razão, nem do discurso, mas é uma linguagem muito mais direta, muito mais apreensível. A via da razão, poderíamos dizer, atinge-nos das sobancelhas para cima. As vias não racionais ou artísticas como por exemplo a música, a poesia, nos atingem totalmente. É por isso que se diz que os artistas são grandes visionários, os que realmente abrem caminho, e estão sempre à frente das culturas. Diríamos que são como os gênios, utilizando a palavra no sentido grego. Permitem-nos vislumbrar um outro mundo de possibilidades.

Entre os mapuches - E ainda, entre os índios mapuches do Chile – como nos mostra Ziley Mora Penroz, filósofo e investigador das culturas ancestrais desse país – o termo *ayün*, com o qual falam do amor, encerra três noções básicas: beleza, um tipo especial de luz e transparência. Sua raiz, o vocábulo *aywon* significa "nascimento da luz", ou literalmente, "luz que mira" (o amor seria uma clarividência lúcida e não um encegucimento passional). Traduz "amanhecer", "sol nascente", e também a qualidade transparente do vidro e dos cristais e muito particularmente, a superfície dos espelhos, o tipo de luz que se espelha

nas águas transparentes e que tem a virtude de devolver a imagem.

O amor seria uma forma de iluminação solar, uma espécie de amanhecer para o espírito, uma espécie de recuperação da aurora interna, um estado de renascimento esperançador (como o é toda madrugada), onde a claridade das certezas trespassa a realidade e faz transparente a opacidade artificial das coisas.

Uma biologia do amor - Deixando de lado o mundo indiano, o mundo grego, o mundo romano – se é que é possível deixar de lado tradições tão enraizadas em nós – o que acontece com o amor? O que este sentimento desencadeia em nós?

Sobre todas as coisas, nas relações interpessoais afirma-se a existência do outro. Amar alguém, em última instância, é reafirmar sua presença, é dizer-lhe "quero que você exista". Tamanho é o estado de conjugação que quem ama diz que não pode viver sem o ser amado. Inclusive, como depositário de uma entrega de si. Por isso quem ama precisa do outro, valoriza sua existência.

Que os sistemas defensivos tenham se robustecido nos últimos tempos, que os mecanismos de autoproteção se tenham solidificado, formando carapaças que nos separam do outro, não quer dizer que esse sentimento tenha deixado de existir. Amar não é apenas um verbo. É uma necessidade do próprio universo. A tal ponto que biólogos como Humberto Maturana, um dos cientistas mais representativos de nosso tempo, falam de uma biologia do



Oásis em Mênfis

amor. Dizem que o único elemento que, do ponto de vista biológico, sustenta este universo, é a necessidade uns dos outros, a busca mútua das pessoas. Porque necessitamos um do outro nos buscamos e, quando nos buscamos, às vezes se desencadeia o fenômeno de que falamos.

Um filósofo contemporâneo, Joaquim Xirau, autor do livro *Amor y Mundo*, afirma que, independente de qualquer teoria do amor – quer seja visto como uma relação de natureza biológica, psicológica, uma dependência, uma atração química ou sexual – em qualquer estado de amor encontramos quatro características fundamentais naquele que ama:

1. *A intensificação da vida interior*, no sentido da potencialização do imaginário, do criativo, do construtivo, da vitalidade e consequentemente do otimismo.

2. *A potencialização ao máximo do sentido e do valor das pessoas e das coisas.*

3. *A ilusão e a transfiguração.*

O que é a ilusão? O querer o impossível, o querer aquilo sobre o qual a razão nosalaria sempre não, não, não. Mas algo também nos fala ... mas, e se? É a ilusão renovadora. A transposição das barreiras entre o possível e o impossível.

O amor não se limita a criar; destaca ao mesmo tempo os valores superiores do criado, ilumina ao mesmo tempo que vivifica. Nesta iluminação pelo amor levase a cabo a transfiguração do objeto amado. Ao transfigurar-se, o objeto revela ao que ama os valores que a indiferença havia deixado encobertos.

4. *Correspondência mútua, reciprocidade e fusão.*

Estamos ligados à pessoa amada, queremos saber a respeito de

seus atos, de suas criações, das coisas que faz no mundo; interessa-nos saber o que pensa, o que há dentro desse mundo ao qual não temos acesso de fora. Queremos ter acesso àquele *intus*, àquela intimidade que tão só numa relação amorosa é possível estabelecer-se. Nunca se é tão si-mesmo, nunca se é tão espontâneo e autêntico, nunca estamos tão desarmados como quando estamos num vínculo de amor. No outro infinito leque de relações, sempre há uma espécie de atuação, estamos representando. Não há espontaneidade, não há abdicação de si mesmo.

Essas quatro notas essenciais dessa fenomenologia da consciência amorosa dão origem às manifestações do amor: generosidade, espontaneidade, vitalidade e plenitude. O amor é, assim, uma possibilidade criadora.

Mas as palavras estão muito gastas e perderam seu verdadeiro conteúdo, como quando manuseamos uma preciosidade e ela se esvai, perde suas qualidades. E por isso, sempre temos que recorrer à origem filológica ou às origens das tradições para encontrar o verdadeiro sentido que as palavras deixaram de comunicar.

É o que acontece com a palavra amor: nós a malgastamos. E isto, aliado à ansiedade característica de nossa época, muitas vezes nos faz "ver a água ferver antes que ferva".

Acredito que é assim, não sei. Saber é ter experiência e é algo que se incrementa, não nasce pronto nem maduro. Há que cultivar, como se cultivam as flores raras, com muita paciência, muito cuidado. ▲

Extraído de uma aula sobre o amor, do Curso de Introdução ao Pensamento Filosófico, ministrada por Lia Diskin em maio de 1993.

EPIFANIAS*Nada
de
nada*

*"Sabe me dizer quanto pesa um floco de neve?",
perguntou um pardal a um pombo silvestre.*

"Nada de nada", foi a resposta.

"Nesse caso, vou lhe contar uma história maravilhosa", disse o pardal.

"Eu estava sentado no ramo de um pinheiro, quando começou a nevar.

*Não era nevasca pesada ou furiosa. Nevava como em um sonho: sem ruído
nem violência. Já que não tinha nada melhor a fazer, pus-me a contar*

os flocos de neve que se acumulavam nos galhos e agulhas do meu ramo.

*Contei exatamente 3.741.952. Quando o floco número 3.741.953 pousou
sobre o ramo – nada de nada, como você diz – o ramo se quebrou."*

Dito isto, o pardal partiu em vôo.

A pomba, uma autoridade no assunto desde os tempos de Noé,

*pensou um pouco na história e finalmente refletiu: "Talvez esteja faltando
uma única voz para trazer paz ao mundo".*



Adaptado de *New Fables: Thus Spoke the Carabou*, de Kurt Kauter.
Publicado em *Gateway* – edição de outono de 1992.



THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta.

Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

*Natureza é cor
Natureza é vida
Natureza, mãe-terra*



Binhos defendendo as cores do Pantanal.

**BINHOS
FOTOLITO**

Rua Miguel Teles Junior, 431
Fones: (011) 270-9609 / 270-9500
01540 - São Paulo - SP